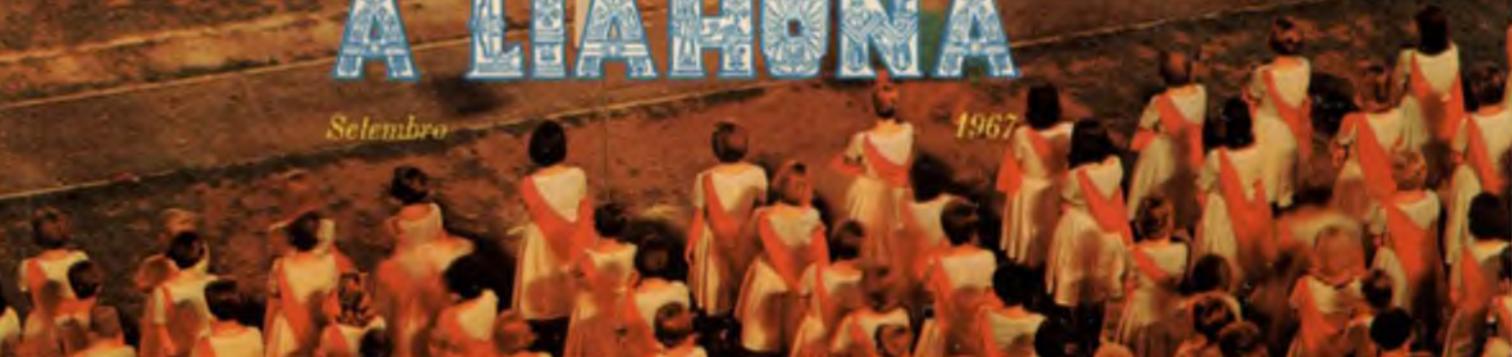




A LIAHONA

Setembro

1967





Garotas, eis alguns segredos do sucesso

Elaine Cannon

Certa vez, disse um homem a uma mulher: “Se não consegue ser interessante, seja pelo menos agradável”. Precisarão os rapazes fazer esta escolha em se tratando de garotas mórmons? Por que não ser ambas as coisas? Seja não só interessante, mas agradável também! Seja a pessoa mais graciosa de qualquer cenário.

Aquêle toque todo seu

Torne-se memorável. Desenvolva uma marca pessoal .. alguma jóia curiosa.. uma fragância especial .. algo singularmente seu. (Quando *não* usar aquêle toque especial, os outros notarão!)

Algumas recomendações

Não se esqueça que seu toque suave no ombro dêle suplanta sempre a palmada nas costas e o cotucão amistoso . Não se exceda em perfumes. Sua fragância deve ser sutil e delicada. Não siga a moda cegamente, nem imite alguma estréla famosa. Seja o melhor de si mesma. Não subestime o poder da oração.

Sua escolha

A competição é acirrada hoje em dia, tanto em qualidade como em quantidade. Para cada rapaz elegível e “digno de você”, em disponibilidade, existe o triplo de garotas. O rapaz precisa dar duro para ganhar um dinheirinho e tem uma infinidade de aplicações para cada tostão. Divertí-la talvez não constitua em sua previsão o investimento principal desta semana. Tenha muitas idéias e sugestões para oferecer quanto a diversões e formas de passar os seus momentos juntos sem despesas: o zoológico, um recital grátis, uma conferência, uma visita a alguma pessoa idosa querida de ambos.

Outras recomendações:

Não deixe de comparecer às reuniões que convém a uma môça. Não seja indiferente ao estado de ânimo dêle. Não esbanje desculpas. Não se venda barato.

Você é uma filha de Deus, um espírito escolhido. Você não está satisfeita de ser você?

Eles é que escolhem

Os rapazes, em geral, têm o costume de escolher a garôta vibrante, radiosa. Perguntados sobre o que mais apreciam nas môças, respondem: *interessada... atenciosa... saudável... gentil... divertida... amistosa... alerta... pura... trajés sóbrios... feminina... dependente...* Interpretado, isto pode significar que desejam uma garôta desperta para a vida, sintonizada com a época, uma participante, não uma espectadora.

Atenção

Não fique atirada a um canto. FAÇA alguma coisa. Havendo algo que mereça um sorriso, SORRIA. Não havendo, NÃO o faça. Tenha cautelas JAMAIS existe na vida uma ocasião enfadonha, sem estímulos. Portanto, mesmo os seus momentos de quietude devem harmonizar-se com o quadro. Não subestime a glória de ser môça. É sua primazia ser adorável, sorridente, simpática e sempre prestativa. Não se esqueça de que os rapazes também são gente. Dê-lhes tratamento condigno. Eles o apreciam. Não se refugie no grupinho das amedrontadas. Que rapaz iria enfrentar um TAL grupinho só para tirá-la para dançar?

A perfeita dama

Ser uma dama é simples .. basta proceder com finura. Isso implica em boa postura, andar elegante, mãos limpas e um coração puro. Significa pequenos bocados na bôca, engolir antes de falar, limpar a bôca com o canto do guardanapo, não interromper ou responder uma pergunta dirigida a outra pessoa. Ser uma dama significa refinamento, auto-domínio, desprendimento.

Não se vista em grande gala o ano inteiro. Não force sua vontade com imposições, amuos, impertinências, importunações. Não vença um rapaz em seu próprio terreno. Se quer ser realmente tratada como uma môça, procure fazê-lo sentir-se mais como rapaz. Qualquer homem, velho ou môço, fica lisongeados em ser útil.

F. Máximo

GENEOLOGIA, NÚMEROS E VOCÊ

Num dia há 1440 minutos, num ano há 525 600 minutos. Se cada ordenança vicarial levasse um minuto para ser realizada, então num ano, ininterruptamente, poder-se-iam realizar num templo mais de meio milhão de batismos pelos mortos. Em 1963 havia 12 templos em funcionamento, sendo teoricamente possíveis mais de seis milhões de batismos vicariais, ou seis vezes mais mais que os 1 021 767 batismos vicários efetuados nos templos do Senhor, que exceto aos domingos, funcionam apenas umas 12 horas diárias,

No final da II Guerra mundial, só os campos de concentração haviam destruído um número de vivos seis vezes maior que o número de mortos beneficiados nos 12 templos em 1963, donde se conclui ser mais fácil destruir os vivos que salvar os mortos.

Estima-se que o número de mortos desde há uns seis mil anos atrás ascenda a cerca de 70 bilhões, devendo morrer até o fim deste milênio mais uns 2 bilhões, abstraída a possibilidade de uma guerra de grandes proporções que faça com que seja "morta a terça parte dos homens," (Ap. 9:18), o que perfaria cerca de um bilhão dos três atualmente viventes. Deve-se observar que, se morriam 50 bilhões de pessoas por ano em 1965, contra os 60 milhões que nasciam, e no início do séc. XXI o aumento populacional fôr, como se prediz, de 100 milhões anualmente, o aumento da mortalidade anual será proporcionalmente maior.

O Milênio terá mais de 500 milhões de minutos, durante os quais, se não se fizer outra coisa, poderão ser realizados mais de meio bilhão de batismos pelos mortos, em um só templo, um cada minuto, diariamente, ininterruptamente. Supondo-se que o Milênio venha a ter início no séc. XXI, só para cobrir o trabalho dos seis milênios precedentes, teoricamente necessita-se de cerca de 74 bilhões de ordenanças, sendo necessários mais de 140 templos, dez vezes mais do existem hoje, para levar avante a titânica tarefa.

Cabe ainda observar que havia em 1963 mais ou menos 450 mil portadores do sacerdócio que, direta ou indiretamente, cooperaram na obra então realizada, donde se pode imaginar que no conjunto dos nascidos, conversos, ressurrectos e existentes, esse número no Milênio deva ascender a possivelmente quase 4 bilhões de portadores do sacerdócio, o que supera a atual população da terra!

Por falar nisso, você já está fazendo o seu trabalho genealógico?

ARTIGOS:

- 5 **Morrendo o Homem, Porventura Tornará a Viver?** Hugh B. Brown
- 7 **O Som Exato da Trombeta.** Spencer W. Kimball
- 9 **Programa de Correlação Atrai Bêncãos.** Thomas S. Monson
- 11 **Pais e Filhos.** Richard L. Evans
- 12 **A Partir de Cumorah.** XVI. Hugh Nibley
- 17 **Então É Disso Que São Feitos os Rapazes?** XII. W. Cleon Skousen
- 20 **Tendes Minha Promessa.** Barbara T. Jacobs.
- 26 **A AMM e a Conferência de Junho.** Entrevista
- 29 **Mamãe Também Gosta de Barro!** Janis P. Hutchinson
- 31 **O Papagaio Imperial.** Evelyn Witter

SEÇÕES:

- 4 **De Todo o Coração.** Mensagem de Inspiração
- 23 **Ensinar: Dar ou Alertar?** Ensino
- 24 **Um Dia de Sacrificios.** Bispado Presidente
- 27 **Para a Juventude da Igreja.** AMM
- 33 **Prolongue os Bons Momentos.** Escola Dominical
- 34 **Nova Liderança no Sul.** Notícias

CAPA: Aspecto do Festival de Dança realizado durante a Conferência de Junho da AMM em Salt Lake City. Dêsse festival participaram 9.000 jovens dançarinos provenientes de vários lugares. Leia na página 26 a entrevista concedida pela presidência geral da AMM sobre a Conferência de Junho.

A Liahona, R. Afonso Braz, 464, 3.ª, Cj. 31, Fone 61-2344 — São Paulo. Editor: Hélio da Rocha Camargo; Redator: Francisco Máximo C. da Silva. A Liahona, órgão oficial da estaca e missões brasileiras da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, editada pelo Centro Editorial Brasileiro, é tradução do Unified Magazine e se acha registradas ob o número 93 do Livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráf. S. A., R. Ana Neri, 466 São Paulo. Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo; Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215, fone 80-4638, CP 862 São Paulo SP; Missão Brasileira do Sul, R. Gen. Carneiro, 490, fone 4-8016, CP 778, Curitiba PR; Missão de Construção R. Itapeva, 378 fone 33-6761. São Paulo SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Preços: Assinatura anual para o Brasil; NCr\$ 3,00, para o exterior simples US\$ 3,00, aérea US\$ 7,00. Exemplar NCr\$ 0,30, atrasado NCr\$ 0,60. As mudanças de endereço devem ser feitas com trinta dias de antecedência, devendo indicar o antigo e o novo endereço.



Para vocês meus jovens amigos

De Todo o Coração

Presidente David O. McKay

A vocês que são líderes da juventude, eu dou esta incumbência especial: lutem sempre por aperfeiçoar os excelentes serviços que estão prestando em manter nossos jovens unidos à igreja. Eles se incluem entre nossos maiores tesouros. Nenhum deve-se perder.

Mostre sempre uma atitude otimista e uma aparência agradável diante de seus alunos. Nossa juventude anseia por esperança e fé. Ensine com amor. Não ensine lições, mas ensine jovens, a quem você ama como filhos de Deus e como seus irmãos e irmãs. Seja compreensivo. Respeite as diversas personalidades que Deus criou em seus filhos.

Ensine a juventude a manter suas almas incorruptas e intocadas pelo pecado. Receba seus alunos com um coração devotado; não importa quão preparado você esteja, deve depender sempre daquela influência mais alta. Exemplifique em sua vida diária os ideais morais e espirituais da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Vocês que são chamados a essas importantes designações na AMM, em outras organizações auxiliares ou nas atividades do sacerdócio, ao receber seu chamado, aceitem-no com a determinação de servir por tanto tempo quanto fôr necessário. É preciso pelo menos um ano para se aprender a conhecer o programa e esse conhecimento emocionante é o principal fator que torna “o jugo suave e o fardo leve” em nossa igreja.

Você não pode ensinar de forma convincente aquilo que não pratica. Levar a juventude a conhecer a Deus, ter fé em suas leis e confiança em sua Paternidade e encontrar entusiasmo e paz nesse amor é o grande privilégio, a mais sublime oportunidade dos professores da Igreja, o grande objetivo que eu oro fervorosamente para que vocês possam atingir.

A vocês, meus jovens amigos, eu digo: O futuro é seu para edificá-lo ou arruiná-lo, como bem o entenderem.

Juventude, convicção, coragem: esta é uma combinação potencial capaz de determinar o tipo de mundo em que viveremos.

Ainda agora, enquanto a glória de sua juventude alegria-lhes os corações e abrilhanta suas esperanças com a confiança do sucesso, já subsiste sobre seus ombros sem ser notada, a carga de uma responsabilidade vinda. É seu o desafio de moldar o futuro. Em suas mãos e nas mãos de milhões de outros jovens será colocada a bandeira da civilização.

Carregá-la para a frente com sucesso exigirá coragem ou o que Lucas denomina “a ousadia de Pedro e João” (Atos 4:13) — aquela qualidade de espírito que capacita a pessoa a enfrentar o perigo e a sobrepujar dificuldades. É uma virtude por todos admirada.

A coragem que eu desejaria que a juventude possuísse, ao assumir seu papel na preparação de um futuro melhor, não é necessariamente física. É o destemor de agir em concordância com suas convicções, a coragem de proceder bem, tanto em particular como em público, a valentia de fazer jus à confiança nela depositada.

Eis alguns dos desafios com que se defrontam os jovens de hoje, e os rapazes e moças devem — não, não de — aceitá-los.

Lehi, no Livro de Mórmon, falando a seu filho Jacó, disse: “. . . os homens existem para que tenham alegria”. (2 Ne. 2:25). Alegria e felicidade são a herança dupla dos homens, particularmente dos jovens. Como desejamos verdadeira felicidade para eles!

Anos atrás, como superintendente escolar e membro mais jovem do Conselho dos Doze, adotei algumas regras de conduta a que denominei meus “guias para a felicidade”. Para uma geração anterior de jovens de grande valor, a Associação de Melhoramentos Mútuos forneceu estas sentenças, denominando-as “Regras de vida do Presidente McKay”. Eu partilho-as com vocês agora:

1. Desenvolva-se pela auto-disciplina.
2. A alegria vem através da criatividade, a tristeza através da destruição.
3. Faça o que é difícil fazer.
4. Alimente pensamentos construtivos e elevados.

(Conclui na pág. 34)



“Morrendo o Homem, Porventura Tornará a Viver?”

*Presidente Hugh B. Brown
da Primeira Presidência*

Meus caros irmãos e irmãs (e emprego esta saudação a despeito do fato de nossa audiência esta manhã ser constituída de pessoas de muitos países, línguas e credos) — nós somos todos filhos do mesmo Deus e, portanto, irmãos e irmãs.

Desejo prestar testemunho do Mestre e da imortalidade da alma. Na verdade, recentes experiências dolorosas recordaram a alguns de nós que parte do alicerce de toda a religião identifica-se com o conceito da vida além-túmulo e da relação do homem com Deus. Cedo ou tarde as vicissitudes da vida trazem cada um de nós frente êste importante assunto, possibilitando-nos reavivar nossas convicções e reexaminar nossa fé ante êste aspecto essencialmente espiritual da religião. Todos nós, independentemente de côr, credo ou nacionalidade, temos um encontro com a experiência a que denominamos morte.

A pergunta sôbre a imortalidade da alma é a mais persistente, a mais universal de todos os tempos. Em tôdas as eras ela tem atraído a atenção de sábios e iletrados, religiosos e ímpios, ricos e pobres. Nenhum outro assunto afeta mais intimamente o bem-estar e a felicidade humana.

A crença de que a estrada da vida desemboca numa avenida sem fim, que conduz a um lar mais belo e a uma vida mais frutífera que qualquer experiência da mortalidade tem sido uma inspiração para grandes almas em tôdas as épocas. Esta crença, mais antiga que as pirâmides, antedatando mesmo o primeiro registro do pensamento humano, estabeleceu-se com firmeza na mente e na consciência da raça humana. Existe uma notável unanimidade a respeito do assunto entre os líderes de tôdas as épocas, a despeito de seus pontos de vista com relação a outros aspectos da religião. Esta crença quase universal inspira esperança, fé e fortaleza ao se aproximar a nossa vez de reunirmo-nos àquela inumerável caravana e assumirmos nosso lugar entre os muros sagrados dos mortos.

A revelação está desvendando a verdade, tanto no tubo de ensaio, como na mente humana, ou na mensagem do Criador. É o infinito dando-se a conhecer.

A morte não extingue a luz, mas põe de lado a lâmpada porque a aurora chegou. A noite nunca tem a última palavra. Não se pode deter a aurora.

Tanto a religião como a ciência ensinam-nos que nada jamais se nulifica; as formas mudam e os moldes são alterados. Nós nem tentamos adiantar detalhes, mas é desarrazoado supor que uma lei que rege tudo o mais na terra cesse de operar apenas na forma mais elevada e nobre da vida — a personalidade humana.

O espírito do homem rejeita a extinção. Êle recusa-se a crer que os que partiram se desvaneceram como uma flama queimada. Nunca houve época em que a esperança de uma vida imortal e eterna não tenha brilhado.

Neste mundo de indestrutibilidade, cada um de nós é uma unidade de energia sem tempo e sem espaço. Não é absurdo presumir que o elétron infinitesimal é de mais significado na economia do universo que a consciência criadora do eu?

Se há valores permanentes no universo, êsses valores devem ser a afinidade humana, seu amor, dedicação, intectualidade e teor espiritual — qualidades as mais elevadas e nobres que se pode conceber, produzidas a tremendo custo e sacrifício.

O fato de o Salvador haver conquistado a morte, após tomar sôbre si a mortalidade, dá-nos a divina certeza de que nossos espíritos também transcendem da morte e que os entes queridos que partiram ainda vivem. Nossos espíritos são divinos, pois são semente da Deidade; portanto, não podem ser tocados pela morte. Foi êste pensamento transcendental que inspirou o Apóstolo Paulo a dizer: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (1 Cor. 15:55).

Fracamente começamos a discernir que o mundo verdadeiro é o mundo espiritual e que uma civilização espiritual deverá brotar das ruínas do passado, a fim de que o homem mantenha seu lugar no universo. A vida é o poder absoluto que rege tudo o mais. Não pode haver cessação. O homem não tem poder de destruir a vida.

Nosso mundo é um lugar interessante, belo, ex-

traordinário, cada vez mais compreensível e de muitas formas um lar deleitável, mas não se contém a pergunta: Haverá algum significado para além do visível e temporal? Ousaremos imaginar um esquema que interligue o ante-mortal, o mortal e o pós-mortal?

O apetite supremo do homem é a vida — harmoniosa, eterna. Em determinada hora e lugar, a natureza provê o integral cumprimento para todos os apetites do homem. E o desejo da imortalidade é o apetite supremo, eterno, perene.

Quando eu consulto minha própria consciência, tenho uma impressão profundamente arraigada — na verdade, instintiva — de incomensurável antiguidade, um eco de tempos imemoriais, bem como uma sensação de necessária infinitude. Nenhum argumento lógico pode desalojar êsses sentimentos. Eu não os coloquei nas profundezas do meu eu; já os encontrei ali quando tive idade bastante para perscrutar minha mente. A despeito das dúvidas e críticas levantadas, êles permaneceram lá. Se cremos na origem divina do homem, devemos concluir que a humanidade tem uma missão que não pode se cingir à mortalidade; seu poder tem um propósito divino que é impossível aplicar plenamente ou exaurir durante esta vida; tôdas as nossas faculdades têm uma função, ainda que algumas não sejam evidentes em nosso ambiente terreno.

Cada um de nós deve algum dia defrontar-se com a pergunta proposta por Jó: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” Em outras palavras, será a morte do corpo o fim último da existência humana? Que é feito da alma, do eu — aquela essência intangível mas muito real a que denominamos personalidade? Desvanecer-se-á ela no nada?

O anseio dos seres humanos pela imortalidade é instintivo e, como todos os outros instintos normais, alicerçado na estrutura do seu ser. O espírito humano, em sua própria essência, tem uma paixão pela vida — vida contínua.

Êle traz a eternidade estampada em sua estrutura mais íntima e reflete em suas esperanças e sonhos o que é perene.

Com o tremendo avanço da ciência em nossos dias, está-se implantando entre nós o que poderia ser denominado uma espiritualidade científica — uma nova mentalidade que estuda as coisas da fé com o cuidado, a precaução e a imparcialidade da ciência, mantendo no entanto o calor e brilho da fé.

O discernimento espiritual é tão real como o científico. Na verdade, não passa de uma manifestação mais elevada da mesma coisa. O santo, assim como o cientista, testemunha a existência da verdade. Um pode denominar seu conhecimento revelação e o outro, conclusão intelectual, mas em ambos os casos é o discernimento — a convicção da realidade.

O que mais impressiona nos ensinamentos de Jesus é o fato de que êle não debatia. Afirmava a sublime verdade da imortalidade do homem como um fato elementar que dispensava argumentos para sua justificação.

O homem, em seu estado mortal, não é um ser completo e perfeito. Antes, a vida terrena é um estado pré-natal, à espera do nascimento. Como Franklin declarou tão bem: “A vida é principalmente um estado embrionário, uma preparação para a vida. O homem

não nasce completamente enquanto não atravessa o limiar da morte”.

Mesmo os melhores homens, ao chegarem ao fim de seus dias, têm a sensação do inacabado. Não puderam realizar tudo o que sonharam e desejaram fazer. Isto não sugeriria que existe ainda uma tarefa a ser executada?

A mente do homem nunca está satisfeita com suas realizações; êle parece operar numa escala que apenas a vida eterna pode satisfazer. Talvez fôsse isso o que Browning queria dizer quando falou: “...o escopo de um homem deve exceder o alcance de sua mão, senão, para que serviria o céu?” (Robert Browning, “Andrea del Sarto”).

Deve haver e sem dúvida haverá novas condições, novas leis, novos métodos; mas a alma em sua essência ainda possuirá suas faculdades ímpares — ainda mais exaltadas e esclarecidas — para prosseguir na busca da verdade.

Nenhuma alteração corporal, nenhuma vicissitude terrena, afeta a integridade e a permanente existência do eu. O espírito não envelhece com o corpo, nem perece com êle. É uma emanação divina da realidade, e como tal deve sempre persistir. O eu, por sua própria natureza, transcende da mortalidade.

Victor Hugo deixou-nos uma reflexão profunda não muito antes de morrer. Disse êle: “Quanto mais me aproximo do fim, melhor ouço ao meu redor as sinfonias imortais do mundo que me espera. É maravilhoso e a um tempo simples. Por meio século tenho estado a escrever meus pensamentos em prosa e em verso; história, filosofia, teatro, romance, tradição, sátira, odes e hinos; eu tentei tudo. Mas sinto que não disse uma milésima parte do que existe em mim. Quando descer à cova poderei afirmar como muitos — Concluí a tarefa dêste dia. Mas não posso dizer Cumprida a obra de minha vida. Ela começará novamente na manhã seguinte. A tumba não é um bêco sem saída; é uma avenida aberta. Ela se fecha ao anoitecer e abre-se com o nascer do sol. Minha obra está apenas começando; ela mal saiu dos alicerces. Com júbilo eu a veria elevar-se para sempre. A sêde do infinito prova a infinitude”.

Quando aquêles onze homens de corações perturbados tornaram-se de repente cônscios de que Jesus estava em seu meio — o Jesus que apenas algumas horas antes haviam sepultado e encerrado na montanha — êles, como Lucas relata, “não conseguiram crer por causa da alegria”. (Vide Lucas 24:41). Era bom demais para ser verdadeiro. E então veio uma maravilhosa demonstração e repto, quando Êle disse: “...Vêde as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo: apalpai-me e vêde; pois um espírito não tem carne nem ossos como vêdes que eu tenho.

“E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés”. (Lucas 24:39-40). Êles viram; êles tocaram e foram tocados por seu glorioso corpo ressuscitado. Aquela foi a grande revelação — Cristo era real e tocável.

O que eu digo aqui agora reflete não apenas o estudo da Bíblia e a meditação fervorosa, mas também uma experiência real que desafia mil e uma tradições e presunções.

Eu não estaria aqui se ela não tivesse brotado em

(Concluí na página 16)



(Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha? — I Coríntios 14:8) *Excertos de uma palestra.*

O Som Exato da Trombeta

*Elder Spencer W. Kimball
do Conselho dos Doze*

Ontem, enquanto meu jato subia pelo ar, ganhando altitude, a voz da aero-moça fêz ouvir claramente no alto-falante: “Estamos-nos aproximando de uma tempestade. Verifiquem se seus cintos estão bem apertados”.

Como líder da igreja e uma certa medida responsável pela juventude e seu bem-estar, elevo minha voz e clamo aos jovens: “Vocês se encontram numa zona e num período perigosos; apertem os cintos; fiquem firmes e poderão sobreviver à turbulência”.

Paulo disse aos santos coríntios:

“Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?” (I Coríntios 14:8).

Duas Expressões Poderosas

As palavras são meios de comunicação e sinais falhos transmitem noções errôneas. Elas constituem a base de nossa vida inteira e são instrumentos de trabalho, expressão de nossos afetos e registro de nosso progresso. As palavras devem ser amáveis e gentis ou firmes e denodadas, de acôrdo com a necessidade do momento. Portanto, na vida social, e certamente na moral, deve haver seleção cuidadosa das palavras para expressar o pensamento.

As duas palavras que desejo mencionar são *amor* e *desejo*.

“*Sim, nós nos entregamos*”

Permitam-me começar com uma história. Do outro lado de minha escrivaninha sentavam-se um rapagão de 19 anos e uma linda moça, tímida, mas encantadora, de 18 anos.

Eles admitiram que haviam quebrado o código moral e assim contrariado alguns padrões sociais, mas citaram revistas, jornais e oradores aprovando relações sexuais pré-maritais e ressaltando que o sexo é a realização da existência humana.

Não estava bem estabelecido, então, em seu mundo, que o sexo antes do casamento não era tão errado?

Finalmente, o rapaz disse: “Sim, nós nos entregamos um ao outro, mas não achamos que seja errado, porque *amamos* um ao outro”.

Aqui está uma das palavras mal empregadas.

O Salvador disse que, se possível, os próprios escolhidos seriam enganados por Lúcifer. Ele emprega sua lógica para confundir e suas racionalizações para destruir. Obscurece os significados, abre portas centímetro por centímetro e conduz do mais puro branco, através de tôdas as nuances do cinza, até o negro mais escuro.

Esse jovem par olhou para mim surpreendido quando eu postulei firmemente: “Não, meus queridos jovens, vocês não amavam um ao outro. Antes se *desejavam* um ao outro”.

E aqui estava a outra palavra mal empregada.

Amor e desejo

Eu quero hoje ajudar os jovens a definir significados de palavras e atos, para fortificá-los contra o erro, a angústia, a dor e a tristeza.

O rapaz e a moça permaneceram imóveis e ouviram respeitosamente. Conversamos sôbre palavras — pequenas palavras como ganhar e perder, cair e levantar-se, abrir e fechar, — e novamente sôbre o amor e desejo. A bela e santa palavra amor que eles haviam corrompido até se degenerar numa parceira de desejo, sua antítese. Já no tempo de Isaías os enganadores e racionalizadores eram condenados:

“Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem mal: que fazem da escuridade luz e da luz escuridade; e fazem do amargo doce e do doce amargo!”

“Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e prudentes diante de si mesmos!” (Isaías 5:20-21).

Se as escrituras são tão claras, como pode alguém justificar a imoralidade e denominá-la amor? O negro é branco? O mal é bem? A pureza é imundície?

É bom o mal?

Fitando o moço nos olhos, eu disse: “Não, meu rapaz, você não estava expressando amor quando tirou-lhe a virtude”.

E, dirigindo-me a ela, acrescentei: “Não havia amor real em seu coração quando você o roubou de sua castidade. Era desejo o que os unia.

“Se uma pessoa ama realmente outra, prefere morrer a injuriá-la. Quando os solteiros entregam-se à

luxúria que induz a intimidades e devassidão, permitem ao corpo dominar e encerram o espírito em cadeias. É inconcebível que alguém possa chamar a isto *amor*.

Para que a posição da Igreja com respeito à moralidade seja bem compreendida, declaramos firme e inalteravelmente que a moralidade não é uma roupa velha, desgastada e fora de moda.

Os valores antigos são elevados bem alto pela Igreja não porque sejam velhos, mas porque provaram ser certos através das idades.

Que tipo de mundo?

“Que tipo de mundo vocês teriam”, perguntei a êsses jovens, “se essa heresia da liberdade sexual antes do casamento e do chamado amor livre se tornasse a norma? O mundo, já doente, expiraria. Não preconizamos um mundo sem sexo, da mesma forma que não preconizamos um mundo sexual, pois uma civilização sem sexo desapareceria. Dentro do casamento, a vida sexual pura é aprovada. Há tempo e hora para tôdas as coisas de valor.

Mas encontros fortuitos fora do casamento transformam o indivíduo numa *coisa* a ser usada, uma *coisa* a ser explorada e tornam-no substituível, explorável e dispensável.

E quando enfrentarmos o Grande Juiz, nas barras da justiça, nos postaremos diante dêle como uma *coisa* ou como uma pessoa, como um corpo depravado pela carne e pelos atos carnis, ou como um filho de Deus, ereto e de cabeça erguida em sua dignidade?

O casamento é eterno

Não estar disposto a aceitar responsabilidades é covardia, deslealdade. O casamento é para o tempo e a eternidade. A formação e todos os outros desvios são apenas para o dia de hoje, para a hora presente, para o “agora”. O casamento dá vida. A fornicção conduz à morte.

O reverendo Lawrence Lowell Gruman diz:

“Na verdade, é uma curiosa moralidade essa que diminui o sexo e reduz os seres humanos a pigmeus escravos do prazer, pois se é verdade que o sexo é bom, como comer e dormir, êle também tem limites específicos e ocasião apropriada — e essa ocasião é dentro do casamento.

“A relação sexual deve ser uma afirmação plena e livre da outra pessoa ... uma entrega total a êle e isto significa permanência e permanência é encontrada no casamento ... Se você ama outra pessoa inteiramente, plenamente, altruisticamente, então respeite a vida sexual daquela pessoa envolvendo-a com o casamento. Quando usamos e somos usados, nós falhamos como seres humanos e filhos de Deus.

Que é o amor?

Muitas pessoas julgam que amor é meramente atração física e falam casualmente de “amor à primeira vista”. É possível que se seja imediatamente atraído a outro indivíduo, mas amor é muito mais que atração física. É profundo, exclusivo e abrangente. A atração física é apenas um dos muitos elementos; mas deve haver também fé e confiança, compreensão e companheirismo. Precisa existir ideais e padrões comuns, e uma grande devoção e companheirismo.

Amor é pureza e progresso, sacrifício e altruísmo. Êste tipo de amor nunca se cansa ou se desvanece, mas sobrevive à doença e tristeza, privação, sucesso e desapontamento, tempo e eternidade.

Durante muitos anos eu vi um homem forte carregar sua mulher pequenina, emaciada e artrítica a reuniões e a todos os lugares onde ela podia ir. Não poderia haver expressão sexual. Mas ali estava um sinal de afeição sincera. Eu acho que aquilo era puro amor. Vi também uma mulher amorosa esperar por seu esposo durante muitos anos enquanto êle se deteriorava com uma distrofia muscular e tudo o que podia fazer era piscar os olhos em agradecimento. Eu creio que aquilo era amor.

Se alguém acha que a promiscuidade é uma demonstração de amor, que pergunte a si mesmo: “Se êsse belo corpo que eu tenho usado erroneamente de repente se tornasse deformado ou paralizado, minhas reações seriam as mesmas? Se a senilidade ou sua aproximação de repente se manifestassem em minha amada, qual seria minha atitude?” As respostas a estas perguntas podem servir de teste a alguém para ver se realmente ama ou se sente apenas atração física a encorajar contatos indevidos. O jovem rapaz que protege sua namorada contra todo o *uso* e *abuso*, contra o insulto e a infâmia de si mesmo e de outros, pode estar expressando amor genuíno.

“Vós deveis vos casar”

O casal ainda estava diante de mim. Eles mencionaram um possível casamento futuro, julgando me impressionar e ficaram um pouco espantados quando eu disse positivamente: “Vocês *devem* se casar e imediatamente”. E citei a escritura: “Se alguém enganar alguma virgem, que não fôr desposada e se deitar com ela, certamente a adotará por sua mulher”. (Êxodo 22:16).

Eles ficaram quase horrorizados com a sugestão do casamento imediato e o rapaz protestou: “Mas nós não podemos nos casar. Não estamos preparados para o casamento. Não completamos ainda os estudos. Não temos emprêgo. Não estamos preparados para constituir um lar”.

E então eu perguntei, com tanta brandura quanto possível: “Então por que se precipitaram nesta situação? Por que cometeram o ato que os deveria tornar pais? Seu ato irresponsável os identifica como extremamente imaturos.

“Para viver consigo mesmos, as pessoas que transgridem devem seguir uma de duas alternativas. A primeira é insensibilizar a consciência e embrutecer os sentimentos com tranquilizantes mentais, de forma que a transgressão possa ser continuada; a outra é permitir que o remorso os leve a uma total convicção do êrro, arrependimento e eventual perdão”.

O caminho do transgressor é espinhoso

Ninguém pode jamais ser perdoado de qualquer transgressão sem alcançar o arrependimento e uma pessoa não se arrepende a menos que desnude sua alma e admita suas intenções e fraquezas, sem desculpas ou racionalização.

O caminho do transgressor é árduo e duro, longo

(Conclui na página 22)

Programa de Correlação

Atrai Bênçãos

*Élder Thomas S. Monson
do Conselho dos Doze*



Quando o Salvador palmilhava os caminhos poeirentos das vilas e cidades a que agora reverentemente denominamos Terra Santa e ensinava seus discípulos através da bela Galiléia, falava muitas vezes por parábolas, na linguagem que o povo melhor compreendia. Fraquentemente relacionava a estrutura do lar com a vida de seus ouvintes.

Ele declarou: "...tôda a ...casa dividida contra si mesmo não subsistirá. (Mat. 12:25). Mais tarde, nesta dispensação, advertiu: "Eis que a minha casa é uma casa de ordem, diz o Senhor, e não de confusão". (D. & C. 132:8). E depois, em Kirtland: "Organizai-vos; preparai tôdas as coisas necessárias; e estabelecei uma casa, sim, uma casa de oração, de jejum, de fé, de ensino, de glória, de ordem, uma casa de Deus. (D. & C. 88:119). Hoje, o projeto para a edificação de uma casa segundo êsses moldes é o Programa de Correlação da Igreja.

Nas conferências trimestrais do ano de 1966, os executivos de muitas estacas ouviram o Presidente McKay descrever o exato propósito e anseio dêsse programa ao citar as palavras do apóstolo Paulo: "E Êle mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores. Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo". (Ef. 4:11-13).

Para auxiliar as mulheres da Igreja a atingir êsse propósito, os participantes do Comitê Adulto do Programa de Correlação, homens e mulheres de grande fé, experiência e sabedoria, chamados por Deus por inspiração, reuniram-se com membros da Presidência Geral da Sociedade de Socorro e sua Junta Geral, orando juntos, planejando juntos e trabalhando juntos diligentemente na preparação de seus cursos e na elaboração de todos os aspectos de seu excelente programa.

Conhecendo a energia da Presidente Spafford e suas auxiliares, esperávamos colaboração plena e sincera. Nossa expectativa concretizou-se mais que perfeitemen-

te. Na verdade, o excelente paradigma adotado nesse esforço conjunto serviu de molde para prática similar com as outras organizações auxiliares. Nós nos recordamos dêle com orgulho. E descortinamos o futuro com confiança. Sabemos que as mulheres do reino de Deus receberão bênçãos em abundância como resultado dêsse esforço conjunto. Desejo enumerar apenas algumas das bênçãos que o programa de correlação produz:

BÊNÇÃO NÚMERO UM —

A Bênção do Propósito: O programa de correlação coloca em perspectiva mais exata o propósito fundamental de esforçar-nos por nos tornarmos verdadeiros filhos de nosso Pai Celestial. Aprendemos a fazer as coisas certas pelos motivos verdadeiros e a "caminhar em retidão diante do Senhor". Para atingir êsse objetivo, o currículo oferecido às mulheres da Igreja expõe os princípios do evangelho de forma que êstes adquiram um significado pessoal para cada uma, a fim de motivá-la a aplicar êsses princípios em sua própria vida. Esta bênção do verdadeiro propósito da vida é como um farol para guiar nossos passos ao longo da trilha da vida eterna.

BÊNÇÃO NÚMERO DOIS —

A Bênção do Sacerdócio: O programa de correlação ensina que o Sacerdócio é o poder fundamental da Igreja e a autoridade através da qual ela é administrada. É o instrumento por cuja virtude os membros da Igreja podem participar das ordenanças salvadoras. Essas verdades constituem o fio com que a tela do currículo da Sociedade de Socorro é tecida. Centralizando-nos nossos programas no Sacerdócio e correlacionando com êle as aulas das irmãs e o programa da Noite Familiar, elimina-se a debilidade de um homem ou mulher que permanecem isolados, substituindo-a pela fortaleza de marido e mulher a caminhar juntos de mãos dadas.

BÊNÇÃO NÚMERO TRÊS —

A Bênção da Ênfase Familiar: A Primeira Presidência tem declarado insistentemente que "O lar é a

base da vida reta e nenhuma instituição pode tomar seu lugar ou realizar suas funções essenciais". Esta declaração inspirada situa-se em posição suprema na mente e no coração de todos os que tomam parte na preparação de seu programa. O currículo preparado para mulheres adultas oferece uma nova visão das possibilidades da mulher como dona de casa. Já se afirmou a respeito da mãe que "a mão que embala o berço, governa o mundo". Na realidade essas mãos fazem muito mais; pois as mãos da mãe, seu coração e influência, guiam os filhos e auxiliam o pai, seu marido, a atingir o sonhado objetivo da exaltação no reino de Deus, para viver com Ele, que não apenas rege em verdade o mundo, mas que o criou no princípio.

Oração familiar e Noites Familiares, combinadas com o auxílio do ensino efetivo de mestres familiares inspirados e preparados podem trazer bênçãos dos céus a nossos lares aqui na terra.

Essas atividades correlatas ensinam os membros da família a pensar antes nos outros e depois em si. Na verdade, praticamos em nossas vidas os princípios ensinados por Robert Woodruff, um magnata americano. Esses princípios foram sintetizados por ele no que rotulou "Curso relâmpago de Relações Humanas":

As cinco palavras mais importantes de nossa língua são:

EU ESTOU ORGULHOSO DE VOCÊ.

As quatro palavras mais importantes de nossa língua são:

QUAL A SUA OPINIÃO?

As três palavras mais importantes de nossa língua são:

TENHA A BONDADE.

As duas palavras mais importantes são:

MUITO OBRIGADO.

A palavra menos importante é: **EU**

BÊNÇÃO NÚMERO QUATRO —

A Bênção do Equilíbrio: O programa de correlação procura eliminar superposição e duplicação de esforços. Todos os currículos das organizações são correlacionados de forma a operar juntos como parceiros de um mesmo time! A exaltação pessoal do indivíduo é o objetivo soberano. As reuniões tornam-se não um fim em si mesmas, mas o instrumento do fim desejado. Literatura, arte e música, tudo é reunido de maneira a complementar o ensino dos princípios do evangelho de Jesus Cristo. E com esse programa, a obra caritativa da Sociedade de Socorro não é sufocada. Pelo contrário, é exaltada.

Com o Espírito do Senhor as irmãs continuam a —
...Alegrar o solitário e triste;

Confortar o que chora, o fatigado;

Espalhar bondosos atos pela vida;

Tornar o mundo hoje mais iluminado!

BÊNÇÃO NÚMERO CINCO —

A Bênção da União: Estreitamente ligada à bênção do equilíbrio encontra-se a bênção da união. Ocasionalmente, uma competição destrutiva surge no trabalho de nossas várias organizações. O programa de correlação transforma essa competição em cooperação. Nós

somos levados à compreensão desta verdade: "...se vós não sois um, não sois meus". (D. & C. 38:27). Apesar de nossos objetivos parecerem por vezes inatingíveis, de os recursos do maligno assomarem poderosos e apesar de o desânimo ameaçar e a fraqueza se interpor, ainda assim as bênçãos oriundas da correlação — de esforço unido — nos trarão a vitória que tanto buscamos.

Podemos auferir fortaleza do exemplo de Gedeão. As irmãs se lembrarão de que Gedeão e seu exército enfrentaram a força avassaladora de um inimigo extremamente superior, em número e armas. A Bíblia registra que esses exércitos coligados, os midianitas e amalequitas "jaziam no vale como gafanhotos em multidão; e eram inumeráveis os seus camelos, como a areia que há na praia do mar em multidão". O medo deve ter penetrado os corações dos seguidores de Gedeão. Mas seu líder dirigiu-se a Deus Altíssimo a fim de ganhar forças. Para surpresa sua, Gedeão ouviu do Senhor que seus homens ainda eram demasiado numerosos para que Deus entregasse o inimigo em suas mãos sem que dissessem: "A minha própria mão me livrou". Gedeão foi instruído a proclamar a seu povo: "Quem fôr covarde e medroso, volte e vá-se apressadamente das montanhas de Gilead. Então voltaram do povo vinte e dois mil e dez mil ficaram. (Juizes 7:3). Mas o Senhor disse: "Ainda muito povo há..." (Juizes 7:4). Através do teste da forma de beberem água apenas trezentos homens foram escolhidos para permanecer e combater o inimigo. Após orar novamente, Gedeão disse: "Levantai-vos, porque o Senhor tem dado o arraial dos midianitas nas vossas mãos... Então repartiu os trezentos homens em três esquadrões; deu a cada um buzinas, e cântaros vazios, com tocha nêles acesas. E disse-lhes: Olhai para mim e fazei como eu fizer: e eis que chegando eu ao extremo do arraial, será que, como eu fizer, assim fareis vós. Tocando eu e todos os que comigo estiverem a buzina, então também vós tocareis a buzina ao redor de todo o arraial e direis: Pelo Senhor e Gedeão (Juizes 7:15-18). Quando Gedeão e seus cem homens sopraram a buzina e partiram os cântaros, assim o fizeram todos e juntos gritaram: Espada do Senhor e de Gedeão". O resultado daquela batalha grandiosa é registrado em uma curta sentença: "E ficou cada homem no seu lugar..." (Juizes 7:21), e a vitória foi alcançada.

Hoje estamos acampados contra o maior arraial do pecado, do vício e do mal jamais reunido ante nossos olhos. Esses formidáveis inimigos podem fazer menos corações confranger-se ou fugir hoje à luta. Mas o plano de batalha pelo qual lutamos para salvar as almas dos homens também não é de nossa lavra. Foi dado a nosso dirigente, o próprio Presidente David O. McKay, por inspiração e revelação do Senhor. Sim, falo daquele plano que nos trará a vitória, o próprio Programa de Correlação da Igreja. E enquanto combatemos contra aquêl que se opõe aos propósitos de Deus e degrada e destrói a humanidade, eu oro para que cada um de nós permaneça em pôsto, a fim de que a batalha pelas almas dos homens seja verdadeiramente ganha. Que, após finda a campanha da vida, possamos ouvir o elogio do Senhor: "Bem está, servo bom e fiel. Sôbre o pouco foste fiel, sôbre muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor". (Mat. 25:21). Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Pais e Filhos

Richard L. Evans

É de certa forma estranha a maneira como cada geração parece considerar a precedente um tanto antiquada — como cada geração ouve com impaciência as lições da anterior. A juventude está tão segura de que as regras mudaram. Os mais velhos estão certos de que não mudaram. A juventude acha que sabe até onde pode ir. Os mais velhos estão profundamente cômicos do perigo. A juventude pensa que pode usar os breques a tempo de salvar-se. Os adultos sabem que não é sempre assim. E, portanto, os pais vivem tateando, apalpando, argumentando, tentando dizer o que deve ser dito de maneira que não seja mal interpretado, de forma que não pareça intromissão. E há sempre uma grande necessidade de que pais e filhos encontrem um plano comum e digam um ao outro o que precisa ser dito. Por isso, exortaremos hoje pais e filhos a que sejam mais compreensivos uns com os outros. Vocês, pais, a procurarem lembrar quando eram jovens e por que desejavam fazer certas coisas; lembrar-se como ansiavam por aceitação social, como sofriam com críticas inoportunas, com que facilidade seu coração era ferido e como certas coisas, que agora parecem de somenos importância, em certa ocasião representaram muito. Tudo isso nós hoje lhes pedimos, pais, para recordar. E agora a vocês, filhos; a vocês, jovens: Por que hão de supor que as regras básicas mudaram tanto nos poucos anos desde que seus pais eram jovens? A estrada parece nova a vocês. Não é mais nova para eles. Hoje possuímos um pouco mais; movemo-nos mais depressa. Adquirimos algumas coisas e perdemos outras — mas as conseqüências continuam a seguir as causas. E ao pedirem a seus pais para se lembrar disso com respeito a vocês, lembrem-se também de algumas coisas em relação a eles: que foram jovens, não muito tempo atrás, como vocês são jovens hoje — que uma vez já pensaram os seus pensamentos; acharam também que haviam encontrado novas formas e sentiram o mesmo anseio de fugir, libertar-se — e aprenderam a partir de então a sabedoria de conter-se. Lembrem-se que os pais também têm um coração que pode ser ferido; que eles, como vocês, sofrem com críticas inoportunas e com a falta de compreensão de seus motivos. Lembrem-se que não há nada de honesto que eles não fariam por vocês.

(O Dr. Nibley continua a análise dos indícios do Livro de Mórmon sobre costumes curiosos e já esquecidos que apenas agora estão vindo à luz)

A Partir de Cumorah

NOVAS VOZES DO PÓ

XVI - O Problema dos Três Documentos

(Continuação do Capítulo Anterior)

Hugh Nibley

Prof. de História e Religião na Universidade Brigham Young

(50) Alguns anos atrás chamamos a atenção para a origem inegavelmente iraniana do “estandarte da liberdade” de Moroni, com a história de Kawe, o fundador da irmandade religiosa dos Magi, que hasteou seu avental de couro como bandeira para concitar o povo a obter a liberdade e assim estabeleceu os alicerces tradicionais da nação persa.³⁶ Não está ainda bem definida a forma pela qual o Irã se imiscuiu no cenário, mas nada é admitido com maior segurança pelos exegetas hoje em dia que o fato de que as influências iranianas são *muito acentuadas* nos Pergaminhos do Mar Morto.³⁷ Moroni, entretanto, conquanto anunciasse que seguia uma tradição comum no Velho Mundo, atribui as origens do costume não ao fundador dos Magi, mas ao fundador de Israel, o próprio Jacó. (51) Ele relembra à sua audiência uma história que declara ser-lhes bastante familiar, a das duas metades do manto de José e o que significavam. A história foi preservada de antigas fontes judaicas nas páginas de Tha'labi, mas nunca a encontrei em nenhum outro lugar, nem vi jamais uma tradução do Tha'labi. De onde poderia Joseph Smith tê-la tirado?

(52) No Livro de Mórmon nós nos defrontamos com um rito peculiar de enforcamento. Quando um notório incrédulo foi acusado de assassinio, “conduziram-no até o alto do monte Manti e lá foi obrigado a reconhecer, entre o céu e a terra, que o que havia ensinado ao povo era contra a palavra de Deus; e aí sofreu uma morte ignominiosa”. (Alma 1:15). Condenação igual sofreu séculos mais tarde o traidor Zemnariah. Isto remonta, na verdade, a uma antiquíssima tradição, a dos primitivos falsos mestres, Harut e Marut (anjos caídos), que foram os primeiros a corromper a palavra de Deus e, como resultado, pendem até hoje entre o céu e a terra confessando seu pecado. A tradição correspondente a esta na crença judaica é a do anjo Shamozi, que “se arrependeu e como penitência enforcou-se entre o céu e a terra”.³⁸ Pode ser que não passem de antigas lendas, mas certos povos do passado levavam-nas a sério e eram conhecidas do autor do Livro de Mórmon.

(53) O Livro de Mórmon contém também um extraordinário relato de uma praga de serpentes nos tempos antigos, muito antes dos dias de Lehi, que dificultou sobremaneira a vida do gado. Inclui ainda a descrição

de como essas serpentes foram erradicadas no governo de um grande rei, que conduziu seu povo em grandes caçadas comunais. A história tôda tem um cunho muito arcaico e pode ser estreitamente relacionada com os registros egípcios que relatam uma praga que certa vez assolou o gado, descrevendo como os habitantes da terra, sob a liderança de seu grande rei nômade, exterminaram as serpentes e então dividiram a terra em domínios de caça e terra de cultura, exatamente como o rei Lib.³⁹

(54) Outra curiosidade do período “proto-histórico” registrado no Livro de Éter é a conflagração de uma revolta ao fim de 42 anos de governo de diversos reis. (Éter 10:8, 15, 32). Por que 42? Qualquer que seja a razão, é curioso que na mais antiga lista de reis da Mesopotâmia se encontre entre os períodos de duração de governos evidentemente simbólicos e astrais (a maioria múltiplos de 12, 36 ou 52) um significativo número de reinados que são múltiplos de 42 — 2100, 840, 420, 2310, 21.⁴⁰ O número 42 é assim mais representativo na economia faraônica, pela qual os 42 nomos e as 42 bênçãos da coroação do rei têm um significado simbólico e este deve ser substituído ao fim de um período de governo divisível por seis ou sete anos.⁴¹ Não conhecemos a razão disto, mas a realidade e a antiguidade das tradições se harmonizam muito bem, tanto no Velho Mundo como no Novo.

O Livro de Mórmon é tão generoso em nomes próprios que nenhuma outra evidência deveria ser necessária para estabelecer sua autenticidade. Juntamente com uns laivos de nomes árabes, gregos e possivelmente hititas, mais de duzentos nomes próprios da obra são divididos igualmente entre formas hebraicas e egípcias. Apenas para se mencionar de passagem, (55) o prevalence da cultura egípcia na Palestina por volta de 600 AC era uma das afirmações pelas quais nosso texto foi por longo tempo ridicularizado, mas hoje já se conhece bem a existência de laços culturais muito estreitos entre os dois povos. (56) Uma grande parte dos nomes hebraicos do Livro de Mórmon são não-bíblicos, mas preservam as autênticas formas hebraicas do período, como atestam os documentos recém-descobertos.⁴² Alguns nomes de lugares importantes aparecem somente traduzidos no Livro de Mórmon, sendo os

mais conhecidos Abundância e Desolação. Abundância é uma designação típica de colonizador (cf. Olbia, Euxino), enquanto que é sabido que os antigos semitas davam o nome de Hormah, ou seja, Destruição, Desolação, “a qualquer palco de derrota”.⁴³

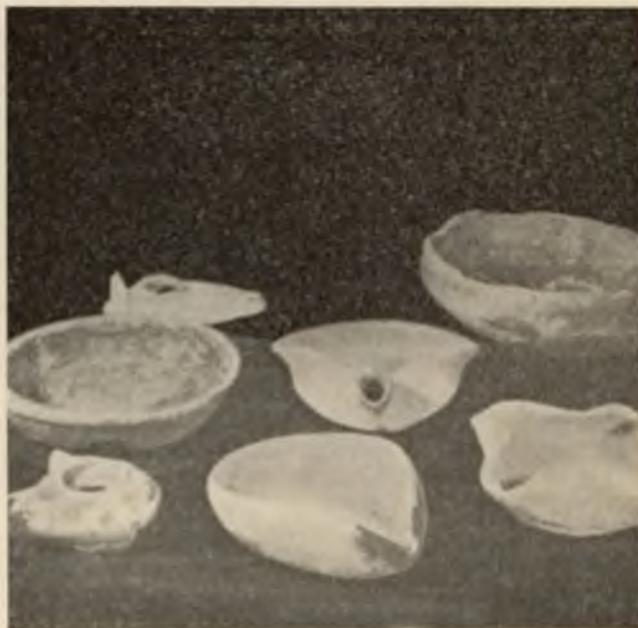
(57) Os nomes teofóricos do Livro de Mórmon, regras corretas de construção, com o emprêgo convencionais como Gadiani, Korihor, Amnihor etc., seguem as cionais de mimação e nunação. (58) Os nomes egípcios correspondem até ao padrão estatístico do Velho Mundo, com absoluta predominância de Amom, Manti em segundo lugar e uma ênfase acentuada em nomes iniciados por “Pa”, com freqüente ocorrência dos elementos “mor” e “or”.⁴⁴ (59) É difícil explicar evidências gritantes como Korior, Pahoran e Paankhi como puros acidentes. Paankhi era um nome egípcio popular no sétimo século AC, porém desconhecido aqui até o fim do século passado; e que americano sonharia elaborar combinações como “aa” ou “kh”? Curiosamente, existem dois Korihor distintos (o nome é soletrado de formas diversas) no Velho Mundo, um deles genuíno nome egípcio (Kherihor, Hurhor etc. era um sumo sacerdote e juiz principal que subiu ao trono em 1085 AC), e o outro de origem asiática, remontando aos primórdios da história.⁴⁵ Isto é interessante, porque existem também duas formas do nome no Livro de Mórmon, uma delas (Corihor) importante nome jaredita e a outra (Kohior) o nome de um juiz principal dos nefitas.

(60) De particular interesse é a expressão Hermounts, devido a sua extrema excentricidade. Até dois anos atrás, êste autor sempre a deixara passar em silêncio, incapaz de qualquer análise. Mas quando um aluno pediu explicação para seu aparecimento no contexto do Livro de Mórmon, sua fonte tornou-se instantaneamente clara: Hermounts é no Livro de Mórmon a região selvagem das fronteiras, a zona de caça, “a parte do deserto que estava infestada por feras e animais vorazes”. (Alma 2:37). O equivalente a uma tal região em egípcio é Hermonthis, terra de Month, o Pan egípcio, deus dos lugares e coisas selvagens. Hermounts e Hermonthis estão suficientemente próximos para satisfazer o mais exigente dos filólogos.⁴⁶ (61) O Month egípcio de Hermonthis era uma figura extremamente popular nos dias de Lehi, a julgar pela grande freqüência com que ocorre na composição de nomes próprios nas várias formas: Montu, Mendes, Menti, etc. É o Manti do Livro de Mórmon, próximo de Amom, designativo mais comum da onomástica nefita.⁴⁷

Um número surpreendentemente grande de estudos apareceu em anos recentes, sobre o assunto de nomes egípcios dados ao Mar Vermelho, e isto porque os egípcios tinham muitas designações para êle e estavam sempre inventando outras. Particularmente num período mais próximo, conforme relatório recente, os egípcios desenvolveram gosto por “criar novos nomes para os diversos mares”.⁴⁸ (62) Mais uma vez, a causa da curiosa prática não é conhecida, porém harmoniza-se por completo com a prática de Lehi: “E vimos o mar, ao qual nós chamamos Irreântum, que, interpretado quer dizer muitas águas.” (1 Nefi 17:5. Itálico do autor.) “Muitas águas é uma típica designação egípcia (êste é, na verdade, significado de Fayyum), mas por que “Irre-

ântum?” Não é uma expressão semítica e Lehi até se dá ao trabalho de traduzi-la. Demonstrou-se recentemente que um dos nomes egípcios mais comuns para o Mar Vermelho era Iaru, que não é egípcio e cujo significado é desconhecido.⁴⁹ Isto poderia responder pela primeira parte, “Irre-”, no nome dado por Lehi, enquanto que “-ântum” pode ser formado por duas formas egípcias características, *iny-t* e *anjt*, ambas designando grandes cursos d’água, o primeiro possivelmente o Golfo de Suez, o outro as “Águas de Busiris”. Por outro lado, como “Iaru” nunca foi explicada, não poderia ter relação com a antiga palavra indo-européia para “mar”, cuja forma hitita é *arunash*? *Aru-na-sh* é bastante próximo de Irre-an-t (um), mas não a incluiremos entre nossos paralelos mais válidos, havendo-a mencionado apenas como curiosidade.

Outro nome curioso de se analisar é Rameumptom, designando os altos palanques dos centros de cerimonial dos zoramitas, um povo que preferia os velhos hábitos dos mulequitas à disciplina dos nefitas. Os mulequitas, como será lembrado, eram um grupo misto de emigrantes do Oriente Próximo que davam pouca importância aos ritos e hábitos dos judeus. Recentemente Leipoldt demonstrou que os monges da Síria que se assentavam sobre pilares, causando tamanha sensação nos primórdios do cristianismo, estavam na verdade seguindo uma antiga tradição pagã do país, pela qual um homem devia subir a um pilar elevado, em algum centro importante de cerimonial e de lá orar pelo povo.⁵¹ A adoração dos estilistas cristãos consistia em dar infinitas voltas no tópo de um pilar elevado. Um grande número de expressões gregas correlatas descrevem a idéia: *Remb-*, *ramp-*, *rhamph-* implicam em movimentos circulares contínuos, particularmente no ar. A palavra remonta ao original fenício *raba-* (*rab* em hebraico),



Êstes raros artefatos, antigas travessas de madeira e lamparinas de barro encontrados no Jordão, foram recentemente obtidos pela Igreja através do Museu Arqueológico da Palestina.

aplicado a um tipo de lançador de projétil. Estaríamos acaso na trilha de nossa palavra Rameumptom?

Indícios literários de autenticidade pululam no Livro de Mórmon. (63) Os colofões são impressionantes. Os três primeiros versos do Livro de Mórmon são um colofão perfeito. A maioria dos colofões são mais breves do que este (existe grande número deles no Livro de Mórmon). Um colofão egípcio de fácil acesso é o que aparece no final da famosa "História de um marinheiro naufrago".⁵² Aqui é estabelecida a honestidade do autor, fornecendo-se a fonte de informação, com o esclarecimento de que o documento fôra escrito com seus próprios dedos. (Confronte-se com 1 Nefi 1:3: "Sei que meu registro é verdadeiro e o escrevo com minha própria mão, fazendo-o de acôrdo com meu conhecimento"). Casualmente, o detalhe dos pares de nomes é curioso: o escriba é Amoni, filho de Amonah — combinação insistentemente repetida nos nomes de certas famílias do Livro de Mórmon.

(64) Nesta série de artigos tem-se salientado o estilo autêntico do Testamento de Lehi como inteiramente típico de um grande número de antigos apócrifos judaicos, da mesma forma que (65) alguns anos atrás anotamos que o "qasidah" de Lehi (1 Nefi 2:9-10) encaixa-se uma a uma em tôdas as especificações da mais antiga forma conhecida de poesia do deserto. (66) Também já chamamos a atenção para a forma pela qual as citações bíblicas do Livro de Mórmon divergem dos textos Masorético e Septuaginta nos exatos trechos (e apenas nêles) em que ambos estão em discordância, demonstrando que os escritos originais foram perdidos. (67) A prática tão ridicularizada do Livro de Mórmon de iniciar cada sentença com "E aconteceu que" ou "Eis que" é agora defendida como forma egípcia convencional.⁵³ (68) A expressão "egípcio reformado" também foi violentamente atacada por muitos anos. Quando se publicou o Livro de Mórmon, Champolion não havia ainda dado o nome de "demótico" àquela extraordinária escrita abreviada dos egípcios, em voga nos dias de Lehi: na realidade, "egípcio reformado" é exatamente o que o demótico é.⁵⁴

A ocasional mudança de número ou pessoa no meio de uma sentença, no Livro de Mórmon, apesar de gramaticalmente falha, é na realidade característica dos antigos profetas (e dos Pergaminhos do Mar Morto), que ao se inflamarem ou se inspirarem em seu discurso, confundiam singular e plural, segunda e terceira pessoas.⁵⁵ Apresentamos isto mais como defesa do que como paralelo significativo. Existem muitos dêesses detalhes menores que poderiam ser mencionados: o persistente emprêgo da palavra "semente" para progénie, por exemplo, é na verdade tão comum no egípcio como no Livro de Mórmon.⁵⁶

(69) O hábito peculiar dos generais do Livro de Mórmon em informar os comandantes inimigos de seus planos e solicitar e até mesmo receber certas concessões, antes de uma batalha, foi objeto de intenso ridículo no passado. Hoje em dia um tal procedimento seria considerado insano. Entretanto, sabe-se que foi praticado pelos contemporâneos de Lehi. Um deles, com a boa denominação mórmon de Paankhi, chega mesmo a "ordenar a seus generais que concedam ao inimigo a escolha da ocasião e lugar da batalha".

(70) Como desafio literário, o equilíbrio entre história e Escritura no Livro de Mórmon apresentava problema capaz de confundir o mais hábil dos estudiosos. Apenas muito recentemente E. A. Speiser analisou a situação como realmente era no Velho Testamento, em têrmos que concordam de maneira exata com o Livro de Mórmon: O tema da Bíblia, afirma êle, é história — "a história de uma sociedade empenhada numa busca específica . . . Um Jeremias ou um Ezequiel podem e devem ter lido a história bíblica passada, enquanto escreviam a do futuro. Nenhum dos dois seria capaz de designar muitos dos livros que vieram afinal a constituir o Velho Testamento". Tudo isto, como se vê, aplica-se com igual propriedade a Nefi, que parece ter exatamente a mesma noção das Escrituras que Jeremias e Ezequiel.⁵⁸

Um teste de identificação. É para a apócrifa, de preferência à Bíblia, que nos devemos voltar à procura de correspondência para grande parte da alegoria peculiar do Livro de Mórmon; e isto é significativo porque (71) a apócrifa em questão era desconhecida do mundo de Joseph Smith. Nós já mencionamos nesta série imagens tais como as da fonte e da árvore da vida, da oliveira, da água imunda, dos três homens de branco, do grande e espaçoso edifício, das andanças pelo deserto, etc. Mas igualmente digna de estudo é a linguagem com que são apresentadas essas imagens. Mesmo empregando-se as traduções atuais dos velhos apócrifos pode-se misturar suas sentenças com as da tradução de Joseph Smith e desafiar até os peritos a determinar quais são procedentes dos documentos do Velho Mundo e quais do Nôvo. Que o leitor decida quais dêestes trechos são tirados do Livro de Mórmon e quais da Apócrifa. Nenhuma das duas traduções é nossa.*

1. Preparemos nossas almas, a fim de que possamos possuir e não sermos possuídos.⁵⁹

2. (Na preparação para o Messias) êles tornaram-se livres para sempre . . . para obrar por si próprios e não ser compungidos. . .⁶⁰

1. Mas julgando-os pouco por pouco lhes haveis dado uma oportunidade de arrependimento, sabíeis que sua natureza era má.⁶¹

2. E assim o diabo engana seus corações, e os conduz astutamente ao inferno.⁶²

1. Aquêle que cava um abismo cairá nêle e o que arma uma armadilha nela será apanhado.⁶³

2. . . aquêle profundo abismo, que foi cavado para a destruição dos homens, encher-se-á com os mesmos que o cavaram. . .⁶⁴

1. Ai de vós, ricos, pois haveis confiado em vossos tesouros e dos vossos tesouros vos apartareis.⁶⁵

2. Mas ai dos ricos; seus corações só pensam em seus tesouros. . . Mas eis que seus tesouros também perecerão com êles.⁶⁶

3. . . porque puseram os corações nas riquezas, Eu esconderei seus tesouros.⁶⁷

4. . . sois malditos por causa das vossas riquezas, as quais também são malditas, porque nelas colocastes vossos corações. . .⁶⁸

1. . . que o Senhor te abençoe para sempre, pois que tua semente não será completamente destruída.⁶⁹

* NT Naturalmente esta observação só é válida em inglês.

2. Atende a minha prece; deixa-me uma posteridade sôbre a terra e não destrói tôda a carne...⁷⁰

3. ...Ele nos prometeu que nossa semente não seria totalmente destruída segundo a carne...⁷¹

1. E agora, meus filhos ... quão terrível é comparecer diante da face do soberano dos céus ... quem poderá suportar aquela dor sem fim?⁷²

2. ...êles assistirão ao temível espetáculo de sua culpa ... que os fará desaparecer da presença do Senhor, num estado de miséria e tormento sem fim...⁷³

Este último exemplo parece configurar um caso patente de plágio: Numa admoestação a seus filhos, as palavras severas do pai são: "E agora meus filhos" (E novamente, meus irmãos — Mosias 3:1), *terrível a face do soberano dos céus* (a presença do Senhor), *dor sem fim* (tormento sem fim), tudo disposto numa mesma ordem. O único impecilho é que o documento que o Livro de Mórmon estava plagiando não foi descoberto senão em 1892.

Esses paralelos ilustram o fato de que nas pregações do Livro de Mórmon estamos diante de um tipo de literatura conscienciosamente padronizada, ou seja, deliberadamente sem originalidade. Isto explica prontamente os paralelos; mas se o Livro de Mórmon não fôsse um genuíno produto literário de sua época, não sobreviveria por uma hora que fôsse à comparação com os antigos estereótipos.

Alguns pergaminhos de descoberta recente: Como novos documentos continuam a ser encontrados, o estudo comparativo do Livro de Mórmon deve necessariamente permanecer aberto. Um breve exame de alguns dos pergaminhos mais importantes que não apareceram ainda em forma de livro, ou não foram traduzidos para o inglês, demonstrará que o valor das descobertas recentes não fica absolutamente atrás das que vieram antes.⁷⁴

O *Florilegium* ("Bouquet"; 4Q flor. I) é assim denominado por ser uma seleção de textos-prova de diferentes profetas, cada um dos quais espera o cumprimento do plano de Deus sôbre a terra. Nesse fragmento, o texto de 2 Samuel 7:10-11 é explicado como referindo-se à casa do Senhor que será edificada nos últimos dias, enquanto Êxodo 15:17 seg. demonstra que apenas aos eleitos de Israel "que guardarem em santidade o Nome" será permitida a entrada naquela casa a qual, ao contrário do outro templo, nunca será destruída. Pois 2 Samuel 7:11 esclarece que os filhos de Belial nunca voltarão a prevalecer em sua tentativa de executar "o Plano de Belial (o Maligno), para sobrepujar os Filhos da Luz ... e tornar suas almas cativas de Belial, fazendo-as perder-se em iniquidade". Compare-se com 2 Nefi 9:28: "Oh! Quão esperto é o plano do espírito mau!" e com Alma 12:11: "...e são então escravizados pelo diabo, e levados por sua vontade destruição". A seguir, a passagem em 2 Samuel 7:11-14 é explicada como referindo-se "à descendência de Davi que se postará ao lado do que Procura a Lei em ... Sião, nos Últimos Dias, como está escrito" em Amós 9:11, referindo-se "à Arca (tenda, tabernáculo) de Davi que caiu, a qual será novamente erguida para a salvação de Israel". A linha inicial do Primeiro Salmo é a seguir interpretada como referindo-se "aos que se desviaram do caminho, segundo registrado no Livro do Profeta Isaías em relação aos Últimos Dias". Ele cita

então Isaías 8:11, aplicando "àqueles sôbre os quais fala o Livro de Ezequiel o Profeta", em Ezequiel 37:23, um capítulo significativo. Há depois referência aos filhos de Zadoque, que procuraram seu próprio conselho, "o conselho da igreja", isto é, estabeleceram sua própria igreja; e finalmente menciona o Salmo 2:1-2 como descrição do furor dos perseguidores — os Gentios — contra "os Escolhidos de Israel nos Últimos Dias".⁷⁵

Será difícil encontrar em qualquer fragmento tão breve uma descrição mais concisa e explícita da restauração, do ponto de vista dos santos dos últimos dias, ou um melhor apanhado dos sentimentos interpretados no Livro de Mórmon. A referência a Davi focaliza nossa atenção em outro fragmento recém-publicado, sob o título *A Bênção Patriarcal* (4Q patr.), que soa como um típico "testamento" e é um comentário de Gênesis 49:10: "O cetro não se arredará de Judá...⁷⁶ Ele explica a escritura como querendo dizer que "enquanto Israel tiver domínio, haverá sempre alguém da Casa de Davi no trono", e que se pode contar com o apóio de toda Israel "até vir o verdadeiro Messias, o descendente de Davi, a quem e a cuja semente foi dado o convênio do reino sôbre seu povo por gerações sem fim". Isto é importante porque até então os exegetas tinham sustentado que o povo de Qumran nada sabia a respeito do Messias da casa de Davi e não tinham, portanto, qualquer conexão real com os cristãos posteriores.

(Continua)

NOTAS

36. *An Approach to the Book of Mormon* (1964 ed.) págs. 175-7.
37. "Os Pergaminhos ... testemunham do fato de que uma vez mais o impacto de culturas vizinhas do Oriente Próximo fertilizou a religião judaica. Nesta conjuntura a influência iraniana foi particularmente forte". K. Stendahl, op. cit., pág. 5.
38. Analisado por George Sale no comentário de sua famosa tradução do Alcorão, Cap. II, verso 96. Confronte-se com *Segredos de Enoque*, 7:1-4.
39. Vide *The Improvement Era*, 59 (junho 1956), págs. 390 ss.
40. As listas estão em A. Deimel, *Sumerische Grammatik* (Roma, 1924), págs. 127 seg.; 245 ss., 249 seg., 255 seg., 263 ss., 270 seg., 275 seg., 278 seg.
41. Sôbre a duração dos reinados, G. Wainwright, *The Sky Religion in Egypt* (Cambridge University, 1938), págs. 70 (nota 1), 78-83, 91, 104, 106. Sôbre o simbolismo de 42, E. A. W. Budge, *Osiris* (N. Y.: University Books, 1961), I, 340-3.
42. Nomes tais como Ahimelech, Gadjahu, Jahaz etc., em A. Reifenberg, *Ancient Hebrew Seals* (Londres: East and West Library, 1950), n.º 12, 13, 19, 23 etc., e Lomi, no *Testamento de Levi*, 12:1.
43. L. Woolley e T. E. Lawrence, *The Wilderness of Zin* (Londres: J. Cape, 1936), pág. 107.
44. F. Petrie, em *Ancient Egypt* (1924), pág. 79, apresenta uma lista de freqüência para o egípcio antigo, Amon aparecendo com 58, Montu (Manti) com 26 e Hor com 16. Sôbre o elemento Mor-Mer., P. Langlois, em *Revue Egyptologique*, N. S. I (1919), pág. 148-162, T. Gaster, em *Ancient Egypt* (1932), pág. 68, mostra que Isaías 45:15 joga claramente com o nome Amen".
45. B. Hrozný, *Ancient History of Western Asia* (Praga: Artia, 1940), pág. 111, sôbre a versão asiática. Confronte-se com Sir Alan Gardiner, *Egypt of the Pharaohs* (Oxford: Clarendon, 1961), pág. 157.

46. Heródoto, *História*, II, 46, diz que Month é exatamente como o Pan grego, até na face e pernas de cabra e que os egípcios o denominam Mendes.
47. Um príncipe do alto Egito do ano de 650 AC aproximadamente tinha o nome de Mentu-mehet, que em sua forma semitizada (isto é, da forma que ocorreria no Livro de Mórmon) aparece como *Manti-mankhi*; *Cambridge Ancient History*, III, 381. Confronte-se com F. Bisson la Rouge, in *Bul. Inst. Franc. Archeol. Or.*, 40 (1941), 1-49, sobre formas do nome.
48. M. Copisarow, in *Vetus Testamentum*, 12 (1962), pág. 1. Confronte-se com W. Spiegelberg, em *Zeitschrift für aeg. Sprache*, 66 (1931), págs. 37-39, onde existe uma lista de nomes e significados.
49. J. R. Towers, em *Journal of Near Eastern Studies*, 18 (1959), págs. 150-3.
50. Hrozny, op. cit., pág. 191.
51. J. Leipoldt, *Religionsgeschichte des Orients* (Leiden: E. J. Brill, 1961), pág. 10.
52. A "História do Marinheiro Náufrago" encerra-se com um colofão típico: "Este é o relato completo, como foi encontrado em escritos de um escriba de dedos fidedignos, Amoni o Filho de Amonah". Texto em A. De Buck *Egyptian Reading-book*, Vol. I (Leyden: Nederlandseh Archaeol. — Philolog. Inst. voor het Nabije Oosten, 1948), pág. 106.
53. H. Grapow, *Das Hieroglyphische System*, págs. 23-25, ressaltando (pág. 25), o uso constante de "E sucedeu que" em textos dramáticos. Confronte-se com P. Renouf, em *Bibl. Arch. Soc. Proceedings*, 1881, págs. 117-181; P. Humbert, em *Archiv für Orient-forschung*, 10 (1935/6), págs. 77-80.
54. Para definição do demótico, W. Spiegelberg, em *Zeitschrift für aeg. Sprache*, 37 (1899), págs. 18 ss.
55. J. Sperber, em *Zeitschrift für Assyriologie*, 32 (1918), págs. 23-33. Isto ocasiona uma das principais dificuldades na tradução dos pergaminhos.
56. H. Grapow, *Die Bildlichen Ausdrücke des Aegyptischen* (Leipzig: J. C. Hinrichs, 1924), pág. 126.
57. A. H. Gardiner em *Journal of Egyptian Archaeology*, 21 (1935), págs. 219-223: "Paankhi comanda seus generais a deixar ao inimigo a escolha da ocasião e local da batalha". Abordado por P. Montet, *Le Drame d'Avaris* (Paris: P. Geuthner, 1941), pág. 29, n.º 3.
58. E. A. Speiser, em *The Centennial Review of Arts and Science*, IV (Primeiro semestre de 1960), N.º 2, págs. 207, 210.
59. *II Baroque*, 85:9. Confronte-se com I Jeu.
60. 2 Nefi 2:26.
61. *Sabedoro de Salomão*, 12:10, falando dos cananeus; confronte-se com 1 Nefi.
62. 2 Nefi 28:21, 8.
63. *Ben Siraque* 27:26.
64. 1 Nefi 14:3, 22:13 em diante.
65. *I Enoque*, 94:8.
66. 2 Nefi 9:30.
67. *Helamá* 13:20.
68. *Ibid.*, 13:21.
69. 2 Nefi 3:3.
70. *I Enoque*, 84:5.
71. 2 Nefi 9:53.
72. *Segredos de Enoque*, 39:8.
73. *Mosias* 3:25.
74. As versões mais recentes e mais completas desses textos podem ser encontradas em Ed. Lohse, *Die Texte aus Qumran* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1964).
75. O texto restaurado e tradução, Y. Yadin, em *Israel Exploration Journal*, 9 (1959), págs. 95-98.
76. O texto é reproduzido com fotografias por J. M. Allegro, em *Journal of Biblical Literature*, 75 (1956), págs. 176-187.

Morrendo o Homem...

(Conclusão da página 6)

mim quando estava no limiar de meu próprio caos.

As mãos, pés e o lado de Cristo sangraram no extravasamento doloroso de seu cálice antes que fôssem trespassados no Gólgota. Todo o seu corpo sangrou nessa dor vicária. Esta foi uma experiência real; não um mito.

Enquanto os onze apóstolos celebravam o prolongamento da páscoa em Jerusalém, sentiam-se dominados pelo significado das instruções finais de Cristo e pareciam movidos por uma manifestação do Espírito, pois testemunharam não apenas o fato da inopinada imortalidade d'Ele, mas também a sua própria. Era a realidade da reunião de suas vidas com a d'Ele; era conhecê-lo de novo, em seu meio, junto com eles. Era Jesus, ministrando, comendo, partilhando com eles. Era estar perto — mais do que nunca. Eles tornaram-se cônscios de seu grande poder — na verdade, todo o poder, tanto dos céus como da terra, havia-lhe sido dado.

Prestamos testemunho dessas concepções contidas no Novo Testamento, a mais nova das quais tem um cunho atual. Estar em contato com Cristo significa hoje o que significava para João, Pedro e Paulo: ver, receber e prezar as verdadeiras ministrações.

Prestamos testemunho de que sua voz, sua pessoa, manifestou-se em nossos dias e em nossa civilização.

Testemunhamos que Cristo foi a revelação de Deus, o Pai, e eu ousou proclamar o que alguns credos têm proibido: que quando os discípulos ajoelharam-se aos pés de Jesus, abraçando seus joelhos e fixando sua face, estavam contemplando e tocando numa pessoa que se tornou absolutamente igual ao Pai Eterno.

Nós prestamos testemunho de que a pessoa de Cristo, como Ele se apresenta hoje, glorificado, é a forma da mais elevada natureza de Deus. Quando entrou na presença do Pai, Ele foi transformado na mesma imagem de sua pessoa. Tornou-se não apenas a revelação do Pai, mas também a revelação do homem redimido.

Contemplai o Cristo, que conheceu todos os males humanos para poder ter compaixão; que foi restaurado e ressuscitado, para que tivesse o poder de restaurar e ressuscitar; que foi glorificado na presença do Pai para que pudesse glorificar o Pai, glorificando-nos!

Por isto veio Ele ao mundo; por isto voluntariamente ofereceu sua vida e quebrou as cadeias da morte; levantou-se dentre os mortos, concedendo a todos os homens as bênçãos da ressurreição e foi glorificado pelo Pai.

Um dos fatos melhor atestados da história é a ressurreição de Cristo. Ele disse: "...Eu vou preparar-vos lugar... para que onde eu estiver estejais vós também". (João 14:3). Paulo relata-nos que "assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo". (1 Cor. 15:22). Ouçam a inspiradora mensagem de Cristo a Marta e a todo o mundo:

"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá: E todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá". (João 11:25-26).

Juntamente com o Jó dos antigos tempos e os apóstolos, eu humildemente presto testemunho que sei que meu Redentor vive e que estará sobre a terra no último dia. Presto testemunho disto humilde e convictamente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Romântico e Temerário

W. Cleon Skousen

Os dezenove anos são a idade natural para romance — pelo menos os pais devem estar preparados para isto neste período. O júnior tornou-se agora um “folgazão”. Ele o sente internamente e demonstra no exterior. É bem aparentado, confiante em si e aventureiro. A despeito do desajeitamento dos anos anteriores, êle descobre agora que é atraente para muitas garôtas. Mesmo senhoritas desconhecidas dirigem-lhe olhares. Ele percebe que, de certa forma, elas o estão avaliando e a maioria das vèzes aprovam. “Viva!” segreda Mamãe Natureza para êle. “Você é o maior!”

Mas ela ainda acrescentou ao júnior outros elementos além das essências aromáticas do *romance*. A receita dos 19 anos prescreve também uma boa dose de *temeridade*. Talvez para manter seus pais em chão firme. Assim como no ano passado tínhamos o paradoxo de um cavalheiro selvagem, neste ano temos a doçura e a luminosidade de um romance renascentista, combinado à louca temeridade da roleta russa.

Retrato de um rapaz de 19 anos

Agora que o júnior atingiu os 19 anos é quase como os outros adultos da casa. Está desenvolvendo traços fortes de personalidade — preferências e antipatias — que ocasionalmente provocam extenuamento no resto da família. Ele percebe instintivamente que está-se desligando dos seus, mas ainda se sente bastante enraizado.

“Lar” é algo que o júnior gostaria de ter de participar das responsabilidades de mantê-lo — como um hotel ou pensão. Não lhe agradam muito os requisitos rotineiros de cuidar do jardim, da louça ou mesmo de arrumar sua própria bagunça. Ocasionalmente, no entanto, êle dá uma demonstração de ambição e assusta a família com seu talento secreto de concluir as tarefas correndo. Mas isto talvez só ocorra antes de uma festinha preparada “para a turma” ou devido à visita de algum “docinho de côco” que êle está interessado em impressionar.

Aos 19 anos o júnior é um vaidoso, que vive a trocar de roupa. Êle parece existir em um mundo teatral de holofotes e roupas vistosas, em que a aparência é de capital importância. Seu cabelo tem que ostentar o corte mais moderno: suas calças e paletó esporte devem estar na última moda. Tudo nêle parece gritar “Desperte, homem, viva!”

É isto, afinal, é parte de sua ambição de tornar-se *alguém*. Êle não é exigente apenas consigo mesmo, mas também com sua família. Volta agora a preocupar-se um pouquinho com a impressão que seus pais possam causar, como quando iniciava o ginásio. Critica-os secretamente. A mamãe vive tão enterrada em casa e papai nos negócios.

“Êles deveriam ser mais modernos”, raciocina de si para si. Agora que o júnior já está na faculdade (ou tem um bom emprêgo), acha que está aprendendo muita coisa. Desejaria que seus pais lessem um pouquinho mais, procurando manter-se atualizados. Naturalmente, dentro de dois ou três anos êle descobrirá que seus pais eram bem mais espertos do que supunha, mas aos 19 anos — “Na minha opinião os velhos deveriam procurar evoluir em muitas coisas, assim como eu!”

Além disso, êle é alérgico ao barbarismo pré-histórico de seus irmãos menores. “Mal-criados”, reclama, enquanto os pequenos prosseguem com suas palhaçadas normais. Quanto a si, tem absoluta certeza de que nunca foi *daquele jeito*. Quando visitas importantes vêm jantar, êle secretamente desejaria que seu pai levasse “nós, adultos a um restaurante, deixando os bagunceiros em casa”.

Finalmente, deve-se comentar a auto-suficiência do rapaz de 19 anos. “Não existe qualquer dúvida quanto ao futuro. Eu dou um jeito”.

Êle sente-se imortal. É radiante de saúde. Possui otimismo em grau superlativo e recusa-se a crer que viva em qualquer outro lugar que não no melhor dos mundos. Não compreende por que os outros preocupam-se tanto. Ergue o queixo e declara: “Tudo o que preciso é de uma oportunidade!”

Os que convivem com êste tipo de personalidade sentem às vèzes que êle é demasiado confiante e não resistem à tentação de advertir: “Espere, rapaz, que terá algumas surpresas!” Mas, quando meditam nisso, têm de admitir que a vida exige bastante vigor e resistência de um rapaz. Talvez esta superabundância de auto-suficiência seja simplesmente a munição que Mamãe Natureza prepara para a futura sobrevivência.

Novos lugares, novas coisas

O espírito de aventura do júnior aos 19 anos é algo a se considerar. Êle se dá bem com caçadas, cavalgadas e alpinismo e é capaz de rir enquanto o tiram de um par de patins com a perna quebrada.

Êste mesmo espírito exige outras válvulas de escape. Sua inclinação para divertimentos e passeios torna-se muito mais sofisticada. Os pais ainda se recordam que êle costuma ter seu recanto favorito, sua praia favorita, sua sorveteria favorita. Agora as coisas familiares parecem carecer de brilho. De uma hora para outra êle quer explorar tôda uma série de lugares desconhecidos.

Se tiver dinheiro fará uma loucura de vez em quando, indo a lugares caros, com traje a rigor. Os pais precisam lembrar-se de que “viver à grande” faz parte da dinâmica desta idade. Os rapazes dizem que querem conhecer a “vida”. A solução ideal é a mãe e o pai procurarem levar o júnior a alguns lugares de classe e interpretar realisticamente para êle o que se passa ao

redor. Isto auxilia-o a adquirir uma perspectiva exata e a ver essas coisas como são, sem tanta fantasia.

Os pais que se acham cansados ou ocupados demais para essas excursões devem lembrar-se de que se o júnior as fizer sozinho poderá sair dos eixos. Para êle trata-se de um mundo fascinante, no qual está ansioso por se enquadrar. E é quase certo haver algum sabichão por perto, pronto para fazê-lo de bôbo e iniciá-lo na bebida.

Alguns rapazes sabem recusar sem qualquer embaraço. Aprenderam a dizer “não, obrigado”, ou “vou tomar guaraná mesmo”. Todo o mundo ri e é o fim do incidente. Outros sentem-se compelidos a adaptar-se ao grupo, mesmo que isto signifique ignorar os conselhos de tôda uma vida. Se tal coisa acontecer ao júnior, êle talvez se afogue com o primeiro gole. “Tem gosto de remédio para reumatismo!” poderá reclamar, parando aí.

Por outro lado se resolver engolir a bebida “mesmo que me mate”, então uma outra e inesperada experiência estará reservada para êle. O rapaz sente primeiro um calor no estômago, depois na cabeça. A turma observa curiosamente, esperando os sinais de que êste nôvo bebedor ficou “alegre”. Não leva muito. Mesmo um bebedor inveterado pode digerir apenas cêrca de 14 g de álcool por hora. Todo o restante escoá-se para os vasos sanguíneos. Esse álcool puro banha então o cérebro, com seu efeito narcótico-depressivo. O júnior sente sua máquina de pensar emperrando. Não consegue pronunciar as palavras muito corretamente. Quando diz algo, todos caem na risada. Pela primeira vez na vida êle se considera um cômico. Não percebe que estão rindo mais dêle que de suas graças. E instigam-no a beber mais. Talvez êle o faça. Mais tarde pestanejará, engolfado por um redemoinho, cambaleando sem firmeza ao procurar erguer-se.

De repente, êle tem a sensação de que necessita urgentemente de ar e é tomado por um espasmo no estômago, que ameaça entrar em convulsão a qualquer momento. Êle procura a primeira saída.

No dia seguinte, o júnior irá pensar muito nesta experiência louca. Poderá relatá-la a seus pais e prometer deixar disso daqui para a frente ou, pelo contrário, alimentar seu ego secretamente, com a lembrança de ter sido a alma da festa. Isso canalizará sua necessidade de ser importante para êsse caminho. Na verdade, seu anseio pode ser ainda mais espicado por alguma “coroa” de cabeça vazia, que lhe diga timidamente “Júnior, quando você está “alto” fica tão engraçadinho!” Se isto acontecer, êle talvez vire um pato morto. Mal pode esperar a próxima reunião. Particularmente se fôr imaturo, sofrendo do complexo de ser desajeitado, sem graça e inibido.

“De alguma forma” raciocina êle, “aquela odiosa (e cara) porcaria lubrifica minha personalidade”. O que êle provavelmente não percebe é que se começar a depender do álcool para lubrificar sua personalidade estará a caminho de descambar. Talvez leve alguns anos para isso, mas os psicólogos prevêem alcoolismo para os que seguem essa trilha.

O preço do progresso

No entanto, aos 19 anos é às vêzes impossível convencer um rapaz. Êle pode achar que por enquanto,

pelo menos, isto é progresso, que fêz uma descoberta sensacional. Os pais preocupados e tristes não podem deixar de ficar alarmados, ao contemplar os indícios de desintegração na personalidade de seu filho, antes sólida e normal. E concordam com os líderes da juventude que dizem: “Álcool e vida de liberdade podem provocar na personalidade de um adolescente uma explosão que acarreta destruição!”

Os policiais, se porventura tiverem de intervir, reconhecerão sintomas familiares, à medida em que o júnior fôr exigindo uma independência descabida, em desafio à autoridade e à lei, e exibindo total indiferença com relação ao bem-estar próprio e de qualquer outra pessoa. Com o tempo, o beber torna-se a causa de infrações sem propósito por percorrer calmas avenidas, à noite, com o escapamento aberto e os pneumáticos rangendo. Ouve-se também gritos, após a batida, mas êsses geralmente partem dos passageiros mais sóbrios, que saíram junto para o passeio. O motorista sai da direção freqüentemente sem nem mesmo saber o que bateu nêle.

Quando uma jovem vida é interrompida repentinamente numa central de polícia ou penitenciária, as pessoas não podem deixar de cogitar como um jovem pôde envolver-se de tal forma nessa situação. Não é difícil traçar um esboço. Tudo começou com “coisas pequenas”.

Uma consideração final sôbre outro tipo de rapaz de 19 anos que chega ao mesmo têrmo, mas através de rota diferente: êle talvez tenha sido um insucesso na escola, ou fracassado depois do curso secundário. Em qualquer dos casos, é o rapaz que decidiu viver “na boa vida”, dançando e bebendo tôdas as noites. Êstes são sintomas de perversão de personalidade e conquanto não sem esperança, preconizam uma ficha na polícia, se não forem corrigidos.

Um rapaz de 19 anos está atravessando o horizonte da vida, com possibilidades ilimitadas à sua frente — gloriosas conquistas ou o caminho da negação humana. Vale a pena que os pais e a comunidade empreguem todos os seus recursos para dar-lhe um impulso na direção certa, quando necessitar.

A idade do namôro

Apressemos-nos a voltar agora ao aspecto mais agradável dos 19 anos. Falemos do namôro:

É raro um rapaz de 19 anos admitir que está namorando. Êle diz que gosta de sair com as pequenas. Pode até admitir que esteja assediando alguma. Mas não “namorando”. Para êle namorar é muito formal e antiquado.

Contudo, quando o papai e a mamãe procuram descer às origens da questão verificam que na verdade o romance não mudou muito. Talvez algumas novas palavras, para descrever os arrulhos, mas, como afirmou há pouco um avô — “É sempre o mesmo círculo vicioso: rapaz conhece moça, a moça gosta dêle, a moça faz-se de difícil e o rapaz a persegue até que ela o agarra”.

Para o júnior, contudo, não é assim tão simples. Mesmo conhecer garôtas, pelo menos do tipo certo, pode ser uma dificuldade. Isto particularmente em cidades grandes ou quando a família tem poucas rela-

ções sociais. Esses rapazes podem vagar por aí apenas “caçando”. Um dia ele encontra alguém, mas uma pequena apanhada na rua talvez tenha mais experiência do que o júnior está em condições de enfrentar. Uma moça fácil pode pôr um rapaz a perder. Na verdade, um encontro casual com a garôta errada às vezes desvia o rapaz de uma carreira promissora.

É obrigação dos pais, mestres e líderes da juventude dar aos jovens oportunidades freqüentes de recreação bem supervisionada, em que eles se conheçam naturalmente, em “grupo” e tenham encontros sadios.

Romances forçados

Como afinal se constata, a maioria dos rapazes tem pouca dificuldade em conseguir bons encontros, quando se adaptam a algumas regras fundamentais:

1. Sair para divertir-se — ir a um cinema, baile, festa, atividade esportiva ou à Igreja.

2. Sair com quem se conhece — talvez uma pessoa amiga da família. (Alguns rapazes têm a idéia errônea de que é melhor sair com uma pequena desconhecida).

3. Planejar encontros simples — apanhe a garôta em casa vá a uma festa, leve-a de volta, agradeça-lhe a noite formidável e diga-lhe boa-noite.

4. Evitar a reputação de “conquistador”. Se isto fôr tudo o que um rapaz procura nos encontros, o fato torna-se conhecido e ele começa a ser evitado pelas melhores garôtas.

É bom que um encontro seja tão casual e natural quanto possível. Esta é a razão para se sugerir que um rapaz procure companhia no círculo de suas próprias relações, antes de se aventurar em outros lugares. Um encontro com uma pessoa pouco conhecida depende, para seu sucesso, de um tremendo esforço para causar boa impressão. Este tipo de encontro geralmente desagrada a ambos.

O rapaz que está à procura de sua “prometida” e não quer sair com ninguém enquanto não a encontrar representa um problema especial. Ele vive num mundo de sonho e precisa reconhecer que terá muito mais possibilidade de encontrar sua companheira se circular dentro de uma constelação do que se vagar como estrela solitária, à espera de que sua companheira espacial entre na órbita certa. Um rapaz desse tipo geralmente é também tímido e sensível. Encontros em turma talvez possam auxiliá-lo.

No extremo oposto está o rapaz que tem uma mãe, tia ou amiga cheia de iniciativa ou conhece “uma dúzia de mães ambiciosas, com filhas casadoiras”, que estão sempre tentando laçá-lo. Ele é continuamente convidado a festas, viagens, jogos ou atividades escolares e lá encontra sempre uma certa garôta.

Gradualmente o júnior começa a sentir-se asfixiado. Como um naufrago, ele sente que está sendo engolfado. E luta para sobrepujar a pressão. Talvez deixe alguém magoado no caminho, mas luta sem tréguas: “Meu único objetivo era escapar”.

Adultos, que realmente desejem auxiliar os jovens a se encontrar, alcançam maior sucesso dizendo simplesmente a um rapaz as coisas agradáveis que ouviu uma certa garôta comentar a seu respeito (ou vice-versa — conforme quem tenha dito a coisa primeiro). Um

jovem avança com maior segurança quando tem certeza de reciprocidade de interesse na pessoa a ser conquistada.

Um rapaz ouve tanta tolice antes do primeiro encontro que geralmente procura ser dez outras pessoas que não é próprio. Isto é consequência de insegurança ou da falsa noção de que namorar é “velharia”. O que pretende é que a moça o considere “tarimbado”. Se ela já saiu com outros rapazes, saberá ler através da conduta do júnior. Mas se fôr outra novata, ficará ressentida com seu procedimento. O rapaz sair-se-á melhor seguindo algumas regras fundamentais e agindo com naturalidade sem procurar imitar ninguém. As regras sugeridas são as seguintes:

1. Quando fôr buscar sua garôta não fique rondando a casa ou parado na esquina. Bata e entre, cumprimente os pais dela e diga-lhes o que pretendem fazer, ao invés de explicar apenas que irão “dar umas voltas”. Isto dá à família confiança de que será um bom programa e que você trará a filha de volta em hora razoável, porque tem um plano traçado. Nada preocupa mais o pai de uma moça bonita do que um engraçadinho que ao perguntarem-lhe onde vão responder apenas “por aí”.

2. Mostre à sua garôta que você não é ignorante das cortesias comuns que toda garôta aprecia e espera receber. Ajude-a a vestir o casaco, abra as portas, deixe-a ir à sua frente, seja presto a apresentá-la às pessoas suas conhecidas.

3. Ajude-a a divertir-se. A maioria das garôtas diz o que quer fazer e o que não quer. O rapaz que é esperto fica de olho a estibordo, verificando constantemente as mudanças de temperatura. Se você adquirir a reputação de ser uma boa companhia, poderá sair com essa garôta tantas vezes quantas desejar, desbancando os concorrentes.

4. Não force o romance. Uma pequena com quem vale a pena sair é exigente.

5. Guarde seus beijos para a namorada especial. Alguns rapazes pensam que devem começar a beijocar a garôta assim que saem da vista de seus pais. As moças apreciam um rapaz cujos beijos são reservados para alguém muito especial. Isto faz com que desejem candidatar-se.

6. Respeite as barreiras biológicas. Expressões de afeto entre um rapaz e uma moça vêm tão naturalmente como flôres na primavera. Mas uma coisa são demonstrações de afeto e outra bem diferente é dar início a intimidades que pertencem ao casamento e à formação de uma família e um lar. Todo rapaz aprende logo quão fortes esses impulsos podem se tornar. Se fôr inteligente, reconhecerá as barreiras biológicas e respeitá-las-á. Um rapaz recentemente confessor: “O melhor conselho que meu pai já me deu foi quando explicou os sinais de parada num encontro”.

Quando um rapaz de 19 anos atravessa a selva da adolescência sem ser apanhado nas muitas armadilhas que são colocadas em seu caminho, realiza uma valiosa conquista. Se ele estiver disposto a ouvir um pouco do bom-senso de seus pais e manter-se de olho aberto, poderá conseguí-lo. Há algum tempo, um rapaz que saía da adolescência comentou filosoficamente: “Cheguei ao fim meio assustado e com algumas escoriações, mas consegui!”



Tendes Minha Promessa

Bárbara T. Jacobs

“Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”: (Mateus 18:20).

Durante os três meses em que meu marido, eu e nossos quatro filhos viajamos em carro-reboque de Rotterdam a Jerusalém, de lá regressando até a Áustria, procuramos muitos grupos de santos que se reuniam nas casas de adoração de nosso Pai Celestial e sentimos a grande verdade desta escritura. Sempre encontramos a sala de reuniões cheia de seu Espírito. Não fazia muita diferença que os hinos nossos conhecidos estivessem sendo cantados em holandês, alemão, ou inglês ou que pudéssemos ou não compreender a mensagem apresentada nas aulas da Escola Dominical ou nos discursos da Reunião Sacramental; o fato importante é que em quase todo o lugar a que fomos, pudemos encontrar pelo menos uns poucos mórmons e quando nos reunimos a eles nos serviços religiosos, sentimo-nos fortalecidos e reconfortados.

Não esperávamos manter contatos religiosos depois de atingir o Oriente Médio e foi por mero acaso que descobrimos os pequenos grupos de soldados mórmons que se reúnem fervorosamente lá. Foi assim que aconteceu.

Dirigindo-nos para Frankfurt, Alemanha, um sábado ao cair da tarde, começamos a procurar a Igreja para assistir a Escola Dominical na manhã seguinte. Diversas chamadas telefônicas aos números da capela e da casa da missão indicados no catálogo não receberam resposta e fomos dormir muito desapontados. Na manhã seguinte, resolvemos localizar uma cabine telefônica e tentar uma vez mais, antes de desistir. Desta vez, um missionário da casa da missão atendeu o telefone. Ele disse-nos que se pudéssemos estar lá dentro de 15 minutos nos levaria à capela. Vestindo-nos com

o carro em movimento, chegamos na hora marcada, encontramos-nos com ele conforme planejado e estávamos presentes ao se iniciar a reunião.

Surpreendentemente, a capela era a mesma que havíamos visitado sete anos antes e na audiência estava Deon Greer, natural de Utah, a quem não víamos desde a última vez em que entramos naquela sala e o encontramos dando uma aula de Doutrina do Evangelho.

Quando Deon soube que pretendíamos atravessar a Iugoslávia, Grécia, Turquia, Síria, Líbano e Jordão num carro-reboque, sem itinerário fixado ou conexões pre-estabelecidas, levou-nos ao encontro de um amigo seu, o Capitão Dave Weiland, piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, regente de música do Ramo de Frankfurt e recém converso à Igreja. Dave havia voado em muitas missões ao Oriente médio. Não apenas deu-nos excelentes conselhos sobre as condições das estradas e coisas a fazer e ver, como também ofereceu-nos nomes e endereços de amigos pelo caminho.

“Mas estas pessoas são amigos seus. Nós seríamos completamente estranhos. Como poderíamos bater em sua porta e pedir ajuda?” perguntamos.

“Vocês são mórmons, não são?”

“Naturalmente”, repliquei.

“Ora, eles também. E se precisarem de ajuda, seja para encontrar um médico, tomar banho em sua casa, lavar roupa na máquina ou localizar comida e água potável, serão bem tratados. Vocês não fariam o mesmo por qualquer de seus irmãos e irmãs do evangelho?”

“É claro”, respondi uma vez mais.

E foi exatamente como Dave disse que seria. Os santos partilharam conosco suas casas e seus préstimos sempre que lhes demos oportunidade. E todos êsses



A irmã Roma, foi nossa intérprete na Itália. Nesta casa funciona uma pequenina capela da Igreja.

grupos de santos estavam se desincumbindo de suas responsabilidades na igreja a despeito das vicissitudes e dificuldades.

Na Itália verificamos que a Igreja congrega os santos dos últimos dias dando significado, calor e segurança à sua existência. Em Vicenza, como em qualquer outro ramo, o grupo reunido era pequeno; e, no entanto, tôdas as auxiliares funcionavam regularmente e estavam completamente organizadas. Exemplo típico do entusiasmo e devoção desse grupo era a viagem mensal do Presidente do Ramo, Clinton Gillespie, para fazer sua visita de mestre familiar a um casal que morava em Verona, a 50 km dali. Além disso, uma noite por mês todo o grupo da Sociedade de Socorro tomava o trem e ia a Verona para que aquela única irmã pudesse participar da reunião.

No primeiro sábado à noite que chegamos a Vicenza, comparecemos a uma conferência de distrito dos santos de Vicenza-Verona-Aviano. Todos juntos não enchíamos muitos bancos da capela militar e quando o élder Ezra Taft Benson postou-se atrás do púlpito, correu os olhos por sua ansiosa audiência e começou suas palavras com a citação de Mateus: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles".

No final de seu inspirado discurso, êle anunciou que gostaria de ouvir algo de um dos membros italianos presentes. Rápidamente todos os olhos se voltaram para três pessoas idosas sentadas num banco a meio caminho do fundo da sala. John M. Russon, que então servia como presidente da Missão Suíça, levantou-se e chamou o Irmão Pittina para a frente. Durante os dez minutos seguintes, com um intérprete traduzindo para nós, ouvimos um relato do que o evangelho de Jesus Cristo representava para um de seus servos.

Desde êsse primeiro encontro senti um grande desejo de conhecer melhor os três conversos à Igreja que haviam viajado aproximadamente quadro horas de um vilarejo nas proximidades da fronteira iugoslávia para comparecer a esta conferência. Assim sendo, fiquei deleitada quando nossa família foi convidada a juntar-se aos santos de Aviano em sua viagem a Comerzo, para levar presentes de natal a êsses santos italianos.

La conosco uma intérprete, Roma Bortotto, encantadora moça italiana que era secretária-correspondente para os membros italianos na Missão Suíça.

Enquanto seguíamos rumo norte, através de uma adorável região campestre, pedimos a Roma para relatar-nos sua conversão à Igreja. Durante mais de uma

hora ela nos manteve fascinados com sua história. A mãe de Roma morrera quando ela contava cinco anos de idade e seu pai e suas irmãs haviam-na criado na fé católica. Depois de concluir o quinto ano ela foi trabalhar numa fábrica de sêda natural. Tôdas as manhãs, seis dias por semana, saía de casa em Susegana e caminhava durante uma hora para chegar à fábrica onde trabalhava por mais nove horas.

Quando estava com dezenove anos, foi atacada de um reumatismo tão agudo que seu médico recomendou-lhe deixar o lar e a família para trabalhar em serviços domésticos na Inglaterra. Depois de trabalhar durante oito meses com famílias inglêsas, ela encontrou emprêgo melhor num hospital e mudou-se para um dos dormitórios. Certa noite, sentindo-se muito desanimada, ela puxou de um cigarro; de repente, sentiu-se culpada com êle nas mãos. Fazendo uma oração silenciosa, Roma disse a seu Pai celestial que deixaria de fumar se êle realmente quisesse.

Logo depois uma moça francesa que havia sido batizada na Igreja em seu país, pelos missionários, mudou-se para o dormitório, no quarto pegado ao de Roma. Ela havia trabalhado antes no hospital durante um ano e meio para aprender inglês e depois regressara à França e solicitara visto de entrada nos Estados Unidos. Por razão desconhecida, resolvera voltar ao hospital na Inglaterra e lá aguardar por três meses a hora de seguir viagem. Assim, Roma ouviu falar da Igreja pela primeira vez e recebeu inspiração quanto à sua veracidade através desta amiga francesa.

Após o batismo, sentiu uma urgente necessidade de fazer missão para sua nova igreja e, antes de muito tempo, era uma ativa proselitista na Missão Suíça. Ao fim de dois anos ela retornou à Itália e agora tentava de tôdas as formas auxiliar na difusão do evangelho em sua terra natal.

Depois de viajarmos durante horas debaixo de uma chuvinha fina, atingimos Pordenone, onde os santos de Aviano estavam-nos esperando. Ali formamos uma caravana de cinco carros e nos dirigimos primeiramente a Buia para entregar alguns presentes embrulhados em papel colorido ao irmão e senhora Pittina.

Êles abriram a porta e o ar de feliz surpresa em seu rosto não poderá ser facilmente esquecido. Sua filha foi às carreiras à vizinha pedir emprestado algumas cadeiras para nós, mas não foi possível trazê-las para dentro, pois mal havia espaço para todos, mesmo ficando em pé. Cantamos tôdas as canções de natal de que nos pudemos lembrar e depois, após muitos apertos de mão e "buon natales" partimos para Comerzo a fim de visitar os Snaideros. Novamente fomos saudados



Na foto da esquerda, os Snaideros, Irmão Pittina, Roma e autora. À direita, Irmão Pittina e a família Snaideros na capela.

calorosamente e nos rejubilamos por poder trazer um pouco de alegria a esses membros fiéis, mas isolados da igreja.

Após a irmã Snaidero servir-nos bolacha e sofrer-mos durante uma pausa embaraçosa enquanto um de nossos filhos recitava uma poesia de natal que havia decorado em italiano especialmente para a ocasião, os santos de Aviano começaram a voltar para casa. O irmão Pittina havia-se juntado a nós na casa dos Snaidero e meu marido e eu permanecemos para trás a fim de formular algumas perguntas que nos atravessavam a mente.

“Quantos anos têm o senhor e sua esposa e quando se tornaram membros da Igreja? perguntamos ao irmão Snaidero.

“Eu tenho 80 anos de idade e minha mulher 70. Ouvimos falar da Igreja pela primeira vez quando visitamos nossa filha na França, mas fomos convertidos mais tarde, em Bologna, por um italiano a quem os missionários franceses haviam enviado nosso nome. Fazem já 14 anos que o irmão Cagli batizou-nos numa piscina”.

“Sua filha também entrou para a igreja?”

“Sim! Na verdade ela entrou antes de nós e atualmente tem um filho em missão na Suíça”, acrescentou com orgulho.

“E o senhor, irmão Pittina? Como se tornou membro da Igreja?”

“Eu sou membro desde 1956. Ocasionalmente ouvi falar do mormonismo uma noite após ter estado num hospital em visita a um amigo. Enquanto voltava para casa, um senhor de nome Santo Beltrame pôs-se a meu lado e começou a falar a respeito de religião, apesar de sermos totalmente estranhos um para o outro. Um ano e meio mais tarde, o irmão Snaidero batizou-me. Minha mulher não é membro, mas espero que seja algum dia”, acrescentou esperançosamente.

“A distância é longa daqui até Pordenone onde os santos de Aviano se reúnem”, observei. “Sem carro, como fazem vocês três para chegar até à igreja?”

“Nós temos nossa capela exatamente aqui nesta casa. Gostaria de vê-la?”

A irmã Snaidero abriu uma porta que conduzia a sua cozinha-sala de estar e entramos na menor capela que já vi. Relanceando o olhar rapidamente pela sala notei quatro pequenas cadeiras de vime com almofadas coral e o assoalho nu de madeira. Numa extremidade do recinto havia uma mesa coberta com uma toalha sobre a qual havia uma peça menor de renda, um vaso com rosas perfumadas e um pequeno púlpito azul.

Mas o que mais me intrigou foi o estranho sortimento de coisas pendentes da parede branca. Além de ganchos para dependurar casacos, um pequeno quadro-negro e um cartaz relacionando em francês sete chaves

para a salvação eterna, havia um quadro do Templo de Salt Lake, outro de uma casa nos Alpes e uma de Joseph Smith, Oliver Cowdery e João Batista, com uma citação de João 11:40 em baixo: “Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?”

Outro quadro, mostrando um barco a vela num lago trazia a inscrição: “Ensinando-os a guardar tôdas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém”. (Mateus 28:20).

“Por quanto tempo têm usado esta pequena capela?” perguntei à irmã Snaidero.

“Por três anos já. Antes era minha cozinha”, confidenciou.

“Notei que há uns 5 ou 6 km de distância da casa do irmão Pittina até aqui. Naturalmente êle não vem quando o tempo é mau, não é?”

“O irmão Pittina tem 73 anos de idade, mas sua fé é tão grande que tôdas as manhãs de domingo êle pedala para cá em sua bicicleta, chova ou caia neve. Temos quase cem por cento de freqüência, pois em oito anos êle apenas deixou de vir uma vez!”

Que maravilhoso registro. Mas naturalmente êle não tenta vir duas vezes por domingo. Vocês só têm uma reunião?”

“Não, o irmão Pittina vem de manhã e fica o dia todo conosco. Temos uma reunião quando êle chega, na qual repartimos o sacramento e outra pequena reunião à tarde, mas sem sacramento”.

“Depois de um hino de abertura e uma oração, nós nos revezamos lendo o Livro de Mórmon e a Bíblia e discutindo o que lemos. Depois concluímos com um hino de encerramento e outra oração”.

O mesmo pensamento ocorreu a meu marido e a mim ao mesmo tempo e, enquanto êle corria para o carro em busca do gravador, perguntei à irmã Snaidero se ela, seu marido e o irmão Pittina poderiam cantar um de seus hinos para nós.

Grandes flocos de neve caíam gentilmente do céu enegrecido quando corremos para nosso carro-reboque e encetamos a longa viagem de volta.

Nenhum de nós falou nem tinha vontade de conversar, enquanto avançávamos rapidamente, vencendo os quilômetros, pois cada um de nós se achava com seus próprios pensamentos. Acima de tudo, em minha mente ressoava a promessa do Senhor de que sempre que houvesse dois ou três reunidos em seu nome êle seguramente estaria no meio deles. Uma vez mais tínhamos recebido evidência da veracidade desta escritura, pois ninguém poderia encontrar-se com aqueles santos valorosos sem reconhecer que êles e sua pequena capela eram abundantemente abençoados com o Espírito de Deus. Nosso Pai Celestial está realmente com êles, pois têm essa promessa a sustentá-los, a qual estará sempre com êles.

O Som Exato...

(Conclusão da página 7)

e espinhoso. Mas o Senhor prometeu que para todos os pecados e erros, exceto os denominados imperdoáveis, há perdão. Por vezes leva muito mais tempo voltar a escalar a íngreme montanha do que deslizar para baixo. E é freqüentemente muito mais difícil.

“Porque, se a trombeta der somido incerto, quem

se preparará para a batalha”, (I Coríntios 14:8).

Eu creio que a juventude de Sião deseja ouvir o claro e indiscutível som da trombeta e tenho a esperança de poder tocá-la com exatidão, para que nenhuma pessoa honesta jamais se confunda.

Abençoado é o homem que suporta a tentação: pois quando fôr provado, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam.

Você interpreta seu chamado como professor da Escola Dominical:

1. Como o de ensinar o evangelho à sua classe? ou
2. Como o de auxiliar os alunos a descobrir o evangelho e seu significado em suas próprias vidas?

Ensinar: Dar ou Alertar?

Lowell L. Bennion

Dar a aula

Uma universitária bem intencionada, professora de uma classe de 12 anos na Escola Dominical, inquiriu certa vez: "Que fazer para manter meus alunos quietos enquanto dou a aula?" Seu pólo de atenção era a aula. Ela era preparada, conscienciosa, bem equipada. Estava fortificada pelo conhecimento, trazia cartazes, auxílios visuais, anotações, citações e gravuras para dar a aula.

Seus alunos eram receptores passivos que deviam absorver suas pérolas de sabedoria como uma esponja chupa água. A professora era ativa, vivaz, extravazando conhecimento, mas queria que seus alunos ficassem quietos, receptivos, passivos. Essa professora deve ter aprendido com a mamãe pintarroxo, que aguarda até que seus filhotes abram ansiosamente os biquinhos para alimentá-los.

O ensino efetivo não é tanto *instruir e dar*, como *abrir a mente e alertar o coração* do aluno. Na Escola Dominical, o propósito não deve ser tanto instruir como auxiliar a outros a aprender o evangelho, analisar seu significado, ansiar e ter fome de retidão. Todo ensinamento é vão a menos que mexa com algo dentro dos alunos, a menos que eles sejam levados a pensar, buscar, sentir ou agir de forma diferente devido ao que foi dito ou feito.

Descobrir o evangelho

Uma das formas de concentrar no aluno sua atenção é recordar que cada pessoa é uma extraordinária obra da criação. Pense na imaginação que o aluno possui, em sua capacidade de se deleitar e se maravilhar, no potencial de sua mente, sua necessidade ser livre, sua individualidade! Lembre-se de onde veio seu espírito com a marca da divindade! Pense no futuro que o espera, em sua capacidade de desenvolver-se, desdobrar-se e em seu destino eterno!

Ensinar não é enquadrar o aluno na moldura rígida da mente do professor e dar-lhe uma tinta de evangelho de fora para dentro, mas movê-lo internamente — despertar nêle maior consciência de si mesmo e auto-aceitação, sensibilidade em relação aos outros e um ascendente impulso em direção à divindade e aos nobres sentimentos.

Como pode o professor promover essa mudança interior no aluno?

Existem muitas formas, e o professor que tem essa aspiração por objetivo encontrará as formas através de

meditação, inspiração e observando com sensibilidade. Jesus foi um mestre na arte de motivar seus discípulos a pensar, sentir e agir. Notem êstes exemplos de ocasiões em que eles formulavam perguntas, tomavam decisões voluntárias ou eram movidos à ação:

"Senhor, ensina-nos a orar". (Lucas 11:1).

"Senhor, ... ajuda a minha incredulidade". (Marcos 9:24).

"E chegavam-se a êle todos os publicanos e pecadores para o ouvir". (Lucas 15:1).

"Disse-lhes Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça, (João 13:8-9).

Certo professor tinha por objetivo em determinada aula inspirar seus alunos com uma fé mais profunda em seu Pai Celestial — tornar sua crença nêle mais real. Estudou muitas formas de conseguir isso. Êle sabia que podia citar, por exemplo, todos os argumentos a respeito da existência de Deus; mas, ao invés de seguir essa linha de ação, preferiu trazer à tona a fé que já existia em seus alunos e fazê-los partilhá-la uns com os outros.

Êle começou a aula declarando que o Senhor não estava sempre perto dêle nem era fácil encontrá-lo através da oração; que os céus eram às vezes como bronze sôbre sua cabeça. Depois relatou duas experiências em sua própria vida — não miraculosas, mas muito reais e compreensíveis para todos — nas quais o Senhor o havia tocado, certa vez diante da beleza e da paz da natureza e outra numa passagem de sua vida em companhia do filhinho. Depois disso o professor perguntou: "Quando foi que Deus se tornou muito real para algum de vocês? Será bom ouvi-lo relatar o que aconteceu, se estiver com vontade de contá-lo a nós".

Os alunos, já bem habituados uns com os outros e acostumados a expressar suas convicções honestas, atenderam lindamente. Um garôto contou que havia visto seu pai negar a si mesmo alguns confortos da vida para auxiliar o filho mais velho a cursar a escola de medicina. Isto havia-o auxiliado a perceber o amor que Deus tem por seus filhos. Uma garôta relatou modestamente que havia descoberto a força de demonstrar coragem moral e como isto despertara nela uma percepção do que de divino trazia em si — uma relação com alguém mais alto.

A grande técnica não está em dar uma aula; ao contrário, está em estimular na mente dos alunos uma consciência de seus próprios desejos e aspirações.

Bispado Presidente

O bispo teve uma semana desagradável pensando nas palavras do presidente da estaca: havia finalmente chegado a hora de construir a nova capela. A terra já estava adquirida, os documentos desembaraçados e a inauguração dos trabalhos seria programada tão logo sua ala levantasse a parcela do montante requerido para a iniciação da obra.

“A outra ala já tem o dinheiro para principiar”, declarou o presidente. “Como o senhor sabe, originariamente pretendíamos apenas que eles remodelassem a antiga construção. Principiaram a levantar fundos um ano atrás e o Bispo Barton disse-me que agora já contam com mais de trinta mil dólares. Portanto, estão apenas esperando por vocês”.

Isto sem dúvida representava uma pressão para sua ala — e para êle. É por esta razão que o bispo havia marcado uma nova entrevista com o presidente. Estava ansioso por receber seus conselhos. De que forma alguém pode sair por aí levantando milhares de dólares em uma pequena ala repleta de famílias novas, que lutam ainda para pagar as novas residências e mobília, famílias cheias de crianças pequenas?

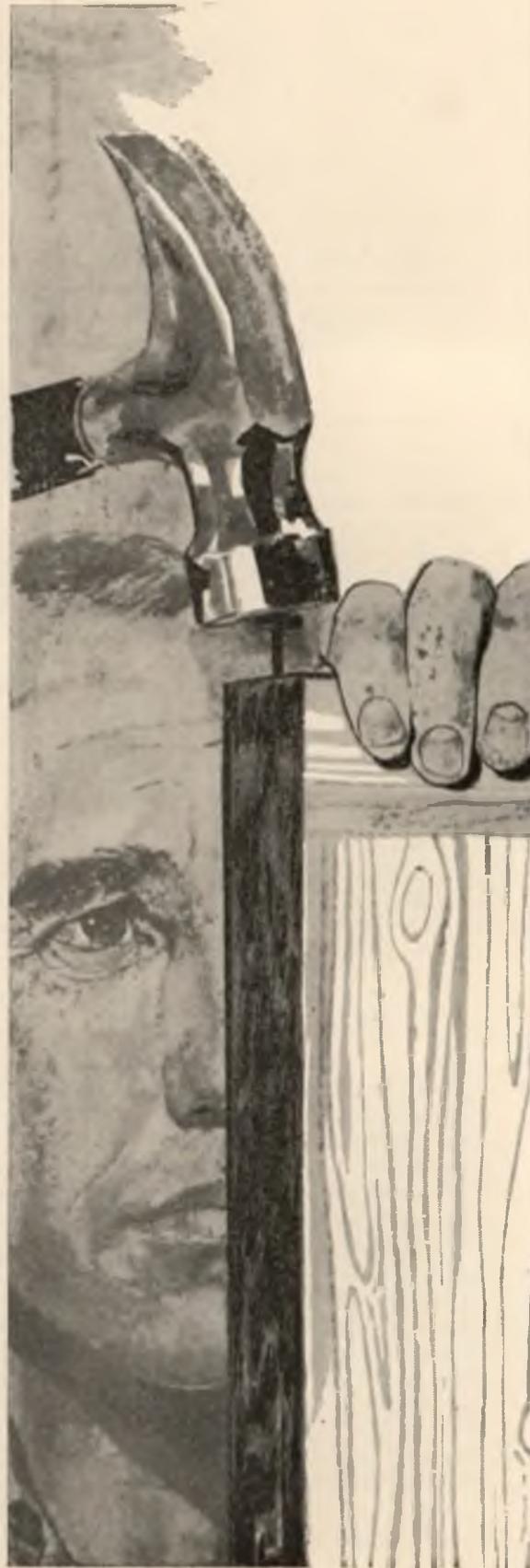
“Além do fato de constituir-se principalmente de jovens famílias, presidente, meu pessoal não é todo tão ativo assim. É claro que são ótimas pessoas, mas o dízimo é um genuíno problema para alguns dêles. Na verdade, agora que precisei examinar mais a fundo os registros, achei que devia começar a chamar os que me parecem necessitar de incentivo, para uma conversa. Mas como vou chegar a êles com o projeto de um enorme edifício ainda por cima? Quer dizer, a renda que têm não chega para tanto!”

Esta última observação brotou como um sincero protesto. O bispo, jovem e ansioso, havia passado uma semana examinando listas de nomes, anotando cifras. Parecia-lhe pouco realista ter de levantar todo aquêle dinheiro em tempo tão limitado.

“Ontem à noite eu e meus conselheiros calculamos que deve haver uma forma mais fácil de se fazer isto, para tornar a carga um pouco mais leve para nossas famílias”. Êle moveu-se desconfortavelmente na cadeira. (Ainda não se sentia satisfeito com o plano que ia sugerir. Mas esta não era a razão de estar sentado ali, falando com o presidente da estaca?)

“Em primeiro lugar, achamos que ao invés de dar uma designação impossível a tôdas as famílias, deveríamos usar uma porcentagem, como fazemos com o dízimo. Elas ficariam empenhadas em doar o equivalente a sua própria renda de um mês no prazo de três anos”. O presidente sentiu-se encolher por dentro, mas manteve a expressão agradável e permitiu ao bispo prosseguir.

“Para suplementar isto — já que obviamente não podemos dar uma designação destas a famílias inativas — propomos uma série de projetos para levantamento de fundos. Já elaboramos uma lista e há, na verdade,



Um Dia de Sacrifício

*O problema de levantar fundos
— e como resolvê-lo*

muitas coisas que podemos fazer: venda semanal de doces, filmes, festivais e o mais que segue. Planejamos envolver nisto tôdas as auxiliares. Por exemplo, há um livro de receitas que a Sociedade de Socorro...

Mas o bispo deteve-se a meia sentença; o presidente havia-se recostado na cadeira sorrindo. Êle esfregou o nariz uns momentos. Então, vagarosamente, curvou-se para a frente e principiou a falar:

“Bispo, quero dizer-lhe que aprecio muito ter vindo a mim, permitindo-me transmitir-lhe os resultados da experiência que adquiri na obtenção de fundos para projetos da Igreja através dos anos. Alguns de seus comentários parecem os meus, muito, muito tempo atrás. Assim sendo, vamos abordar essas coisas, ponto por ponto. Primeiramente o senhor diz que sua ala é muito jovem, empenhada nas responsabilidades de pagar casa e sustentar os filhos. Exatamente como a ala do Bispo Barton! Depois o senhor dá a entender que sente que uma porcentagem da renda de tôdas as suas famílias ativas seria o mais justo. Mas eu sou de opinião que nem tôdas as famílias têm os mesmos problemas financeiros; conquanto um mês de salário pago durante três anos talvez seja bom para algumas, poderia também ser uma carga insuportável para outras. Não acha que para fazer um julgamento justo da capacidade de cada família o senhor terá que se sentar e conversar pessoalmente com cada uma delas?”

O bispo sentiu-se descontraído. Era isto o que queria. O presidente proseguiu:

“Apenas o bispo está investido da capacidade de julgar nesses casos. Apenas o *senhor* pode fazer uma determinação sábia de quanto se pode solicitar de cada família como contribuição. Mas o senhor precisa aconselhar-se com ela e merecer sua confiança para estabelecer êsse montante. E não deve hesitar em fixar uma quantia difícil. Sabe, irmão, estou convencido de que as pessoas ficam felizes com a oportunidade de sacrificar-se, quando estão convencidas de que é por um propósito indispensável, para o Senhor.

“Eu gosto daquela declaração de Doutrina e Convênios que diz: “Na verdade, êste é um dia de sacrifício”. E, francamente, não acho que qualquer sacrifício que o senhor, com seu bom discernimento de bispo, deseje pedir a suas famílias venha a trazer-lhes outra coisa que não felicidade”.

O bispo irrompeu: “Então o senhor acha que não devemos realizar programas para angariar fundos, nem deixar de pedir dinheiro aos não pagadores de dízimo?” E o presidente riu abertamente.

“Acho que tenho trabalhado em tantos projetos de levantamento de fundos quanto possível — e apreciei muito isso. Mas o senhor criará mais problemas que qualquer outra coisa tentando construir sua capela com festivais e venda de guloseimas. Além disso, as auxiliares e quóruns já têm seus programas e projetos. Elas não precisam de nenhuma incumbência adicional de

levantamento de fundos inventada pelo senhor. Resolva tudo através de uma solicitação equitativa e sábia a cada família. E não se esqueça daquele que nunca pagou o dízimo. Naturalmente, haverá muitas excelentes oportunidades para todos trabalharem com a pá e o martelo. E o senhor poderá fazer enormes economias com isso”. O presidente recostou-se de novo, parando meditativamente.

“Sim, e não deixe de pedir a seus irmãos para fazerem um sacrifício de tempo e de dinheiro”.

O bispo percebeu que seu interlocutor estava emocionado e conteve suas observações enquanto o presidente prosseguia:

“Sabe, bispo, esta conversa recorda-me de um rapaz que eu conheci — e o senhor deve ter alguém exatamente como êle em sua ala. Possuía um bom emprego, uma esplêndida esposa e três filhinhos. Tinha muito em que aplicar seu dinheiro e não podia desperdiçar. Mas sempre tinha o bastante para seus vícios pessoais e o fato de quebrar a Palavra de Sabedoria afastava-o ainda mais da Igreja.

“Quando sua ala começou a construir um novo prédio, êle foi visitado pelo bispo. Na hora em que protestou que não acreditava realmente no dízimo, o bispo perguntou-lhe se cria no valor da Primária a que iam seus filhos ou na Sociedade que sua esposa frequentava. O bispo principiou a falar em termos de tijolos e argamassa. Êles custam dinheiro, ressaltou, e então desafiou êsse irmão inativo com a incumbência de fazer um sacrifício pessoal em dinheiro para financiar a nova capela que sua esposa e filhos usariam.

“A abordagem do bispo tocou no ponto exato. O jovem tomou uma decisão importante: êle juntaria o dinheiro que o bispo havia pedido. Faria um sacrifício. Em primeiro lugar, não era para o Senhor, mas para sua esposa e filhos, para o bispo. Mas não terminava aí. Uma vez colocando dinheiro no projeto, começou a ficar cada vez mais interessado. Ofereceu-se para trabalhar um pouco na construção e passou muitas horas labutando com os irmãos para construir o que êle aprendeu a chamar de “casa do Senhor”. Eventualmente começou a abandonar os maus hábitos. E chegou mesmo a assistir uma reunião ou duas com sua família. Finalmente, um belo domingo, compareceu à reunião do sacerdócio”.

Neste ponto o presidente tinha os olhos úmidos e estava um pouco embaraçado. Êle sorriu novamente, abrandando a tensão que havia criado.

“Sim, bispo, acho que devo mais do que posso dizer — em todos aquêles anos em que era jovem e muito imprudente — à necessidade de me sacrificar para a construção “da casa do Senhor”. E a chave da questão, a coisa que me fez tomar a decisão certa foi a ação de um bom bispo que veio a mim com delicadeza e amor, mas que não hesitou em dizer-me: “Na verdade, êste é um dia de sacrifício”.

Entrevista com o Superintendente Geral, G. Carlos Smith Júnior, e a Presidente Geral, Florence S. Jacobsen, concedida a "The Improvement Era".



A AMM e a Conferência de Junho

P — Já que a maioria dos membros da Igreja nunca compareceu a uma Conferência de Junho em Salt Lake City, poderia explicar em que consiste?

Jacobsen — A maioria dos membros nunca compareceu à Conferência de Junho porque ela destina-se a transmitir instruções e inspiração aos líderes da AMM. É uma conferência de liderança na qual apresentamos o programa do ano vindouro. Os líderes da AMM são convidados a participar dos festivais, programas e aulas práticas preparados para eles.

P — Que atividades e programas foram apresentados na última Conferência?

Smith — Delineamos em aulas práticas os programas de cada departamento — Cavalheiros, Escoteiros, Meninas-moças, Lauréis e assim por diante — para todo o ano. Nós apresentamos também grandes espetáculos, como o festival de dança — promovido anualmente — o festival de quartetos e os shows ambulantes.

P — Como conseguem participantes para o festival de dança?

Jacobsen — Aproximadamente 9 mil jovens participaram este ano. Nós enviamos formulários de inscrição a todas as estacas, para quem deseje tomar parte no festival. Depois de devolvidos os formulários, é feita a seleção, escolhendo-se usualmente grupos de regiões que nunca participaram.

P — Qual o procedimento adotado com relação a trajes, adereços, alojamento e acompanhantes?

Jacobsen — Os participantes são responsáveis por si mesmos. Por seu transporte, trajes, alojamento e acompanhantes, dentro dos requisitos especificados.

Smith — Nós pagamos as despesas gerais, como por exemplo o aluguel do estádio.

P — Em que se constitui a preparação de um festival de dança?

Smith — Deixe-me dizer primeiro que a preparação da Conferência de Junho é um empreendimento e tanto. Imediatamente após a última apresentação já o Comitê de Dança da Junta Geral começou a pensar no próximo programa, para daqui a dois anos. Eles procuram verificar quais as necessidades dos jovens e então elaboram coreografias originais. Quando o programa toma forma, os membros do comitê elaboram desenhos de cada passo e de cada movimento, de forma que quando os 9 mil participantes chegam à Universidade de Utah, eles já sabem exatamente o que cada um deverá fazer.

Jacobsen — Deve-se levar em consideração também o desenho dos trajes, seja para um bailado só de moças, um número para salão de baile, ou uma dança folclórica. Seleciona-se também o número de rapazes, moças e pares que serão necessários. Depois, faz-se orçamento para centenas de milhares de metros de pano e milhares de carretéis de linha e fechos. Esse material é depois enviado aos participantes de cada estaca em pacotes individuais.

Smith — Fazemos também filmes dos bailados, adaptados a gravações em fita das músicas a serem dançadas e enviamos tanto filme como fita a cada estaca, de forma que os participantes aprendam as danças antes de vir a Salt Lake City. Quando os 9 mil jovens chegam aqui para participar, já devem conhecer tudo o que devem fazer.

P — E que me dizem das danças contemporâneas? São ensinadas no festival de dança ou na AMM?

Jacobsen — Algumas danças contemporâneas são inaceitáveis, as que são sensuais, grotescas, imodestas ou insinuantes. Este é um de nossos problemas — encontrar danças que sejam alegres, vivas e divertidas. Na realidade, nós ensinamos os jovens da AMM a dançar algumas danças contemporâneas, mas de forma modesta.

P — *Que outras atividades há na Conferência de Junho?*

Jacobsen — Temos um festival de quartetos, apresenta o shows ambulantes vitoriosos nas estacas e neste ano montamos um nôvo musical, “De Vento em Ôpa”, escrito por membros da igreja, de forma que tôda ala e ramo possa estar em condições de encená-lo.

P — *Qual é a orientação do programa da AMM?*

Jacobsen — A AMM dá aos jovens oportunidade de reunir-se em sociedade, num programa de atividades culturais e recreativas sob uma atmosfera espiritual. Tentamos, por exemplo, ensinar honestidade, espírito esportivo e consciência de grupo em nossos programas de esportes. Muitos valôres que são princípios do evangelho também podem ser ensinados na recreação ou no atletismo. Para as garôtas, combinamos aventura e espiritualidade no programa de acampamento. Frequentemente elas fazem reuniões de testemunhos ao redor da fogueira e aprendem a auxiliar as menos ajustadas a se adaptarem.

Muitas atividades da AMM em que as garôtas se empenham destinam-se ao desenvolvimento pessoal. Elas aprendem a vestir-se com propriedade e controlar o dinheiro com discernimento. As virtudes da pureza, modéstia e integridade também são ensinadas. Esperamos que o treinamento ajude cada moça a tornar-se uma mulher madura e bem-ajustada.

P — *Qual a extensão do programa de acampamento juvenil?*

Jacobsen — Encorajamos o programa de acampamento tanto para rapazes como para moças, mas não incentivamos a aquisição de locais, apesar de alguns grupos de estacas possuírem cêrca de 30 acampamentos. A maioria das estacas aluga os locais. Todos os acampamentos estão sob a direção do sacerdôcio e as moças recebem segurança adequada. Temos um programa de reconhecimentos do qual tôdas as moças podem participar. Cêrca de 62 mil moças comparecem anualmente aos programas de acampamento da AMM.

P — *Quais são os prognósticos para um rapaz que participe da AMM?*

Smith — O rapaz que conclui todo o programa deve ter iniciado sua carreira de escoteiro aos 12 anos e concluído como Águia, recebendo o prêmio “Dever para com Deus”, deve ter progredido também nos currículos de Explorador e Insígnia e frequentado o programa dos Cavalheiros, recebendo o certificado correspondente. Ele estará então se aproximando dos 30 anos e bem alicerçados no evangelho. Nosso programa destina-se a tirar os jovens da obscuridade através de participação, desenvolvimento e coleguismo, até que cada um possa manter-se por si, como homem de caráter e personalidade diante de Deus e dos homens.

Jacobsen — Nós também procuramos inspirar a ambos, rapazes e moças, a almejar o casamento no templo.

P — *Quão difundido é o programa da AMM?*

Smith — Onde quer que se encontre a igreja, em todo o mundo, lá estará também a AMM.

P — *O programa da AMM é diferente para as várias culturas do mundo?*

Jacobsen — De um modo geral todos os santos usam o programa da AMM na íntegra, com pequenas adaptações. Eu estive na AMM no Irã, no Japão e nos

países europeus e é surpreendente como muitos dêles desejam programas ocidentais. Por exemplo, sugerimos que as diferentes culturas usem suas próprias danças ou peças nos programas de atividade, mas êles em geral preferem os mesmos que serão usados pelos membros nos Estados Unidos. Entretanto, os santos da Suécia, Noruega, Dinamarca, Suíça e Bavária, muitas vezes usam suas próprias danças.

P — *Nos Estados Unidos o basquete é famoso, mas e em outras partes do mundo, tôda a AMM joga basquete?*

Smith — Não, nós incentivamos flexibilidade nos esportes. Por exemplo, na Inglaterra nossos santos preferem futebol e o vôlei, frequentemente com times mistos. Na Austrália, é o tênis — até mesmo o tênis de mesa. Em muitas partes da Europa êles preferem futebol e natação e apreciam particularmente corridas. Eu já vi moças e rapazes competindo entre si em corrida de 100 jardas, por exemplo, e assisti uma competição de moças inglêsas também nas 100 jardas, debaixo de chuva. Mas tudo era festa.

P — *Numa igreja mundial, que abrange tantas diferenças culturais e costumes sociais, como vocês estabelecem o programa de padrões pessoais?*

Jacobsen — Quando alguém se torna membro da igreja, a despeito dos hábitos, costumes sociais ou práticas do país, concorda em aceitar e viver os princípios do evangelho de Jesus Cristo. Isto ocorre particularmente com relação aos padrões pessoais. Por exemplo, o padrão da modéstia no vestir é o mesmo em todo o mundo. Os padrões de conduta moral são também os mesmos. É emocionante verificar que temos uma comunidade mundial de jovens segundo um código elevado de integridade pessoal.

P — *A igreja ouve falar cada vez mais sôbre conferências de jovens. Que programa é êsse?*

Smith — A maioria das missões e muitas estacas promovem conferências anuais de jovens. É um programa bem nôvo para as estacas, mas está-se tornando muito popular. Essas conferências podem ser promovidas por uma única estaca ou por um grupo delas. A maioria das conferências tem dois ou três dias de duração, incluindo uma reunião de testemunhos. Geralmente principiam numa sexta-feira com o registro dos participantes e algumas das atividades. Durante o sábado, há programas diversos de dança, música teatro e esportes e à noite organiza-se uma festa ou baile, com a apresentação de números de dança. A conferência atinge o clímax no domingo, com a reunião do sacerdôcio para os rapazes, enquanto que as moças têm uma aula especial. Depois segue-se a reunião de testemunhos. Esta é a seqüência habitual. Publicamos um livreto “Let’s Hold a Youth Conference”, que sugere uma boa programação. Os líderes locais das AMM’s trabalham com seus líderes do sacerdôcio e escolhem um programa adequado para sua área.

P — *Como vocês preparam as lições e atividades do programa da AMM?*

Smith — Os oficiais de nossa Junta Geral são cuidadosamente escolhidos dentre os membros da Igreja, devido a seu talento, espiritualidade e disposição de trabalhar. Devem visitar os membros, assistir as reuniões da AMM, Escolas Dominicais e reuniões sacerdotais, para sentir o pulso da Igreja. Queremos que partici-

pem não apenas da Igreja, mas também das atividades comunitárias, para serem indivíduos bem-equilibrados e conhecer o mundo em que vivemos e para o qual estamos preparando a juventude. A junta divide-se em comitês que cuidam dos grupos etários e preparam atividades. Eles estão incumbidos de elaborar programas que sejam atrativos para grupos de idade específicos, dentro da Igreja.

P — *De quanto tempo dispõem os comitês para elaborar um programa anual ou um manual?*

Smith — Alguns dos programas que estamos projetando só serão usados em 1970, mas os demais, de um modo geral, serão usados daqui a dois anos.

Jacobsen — Muitos membros da Junta Geral têm filhos em idade de frequentar a AMM e assim adquirem experiência daquilo que os jovens precisam e desejam.

P — *Como é escolhido o tema anual da AMM?*

Smith — Os membros da junta são solicitados a sugerir temas que serão adaptados ao programa de correlação da igreja.

Jacobsen — Quero acrescentar que muitas orações são feitas para essa escolha. Cada tema é o mais apropriado para sua época.

P — *As vezes os membros da igreja ouvem falar de outros grupos e membros de outras religiões que se interessam pelo programa da AMM. Até onde isto é verdade?*

Smith — Consideremos, por exemplo, nosso programa de basquete para rapazes, em Utah. Depois que a igreja iniciou, alguns grupos vizinhos de outras religiões começaram programas esportivos similares. Outro exemplo: O programa dos Exploradores Escoteiros (dos Escoteiros da América) foi baseado muitos anos atrás em um programa da Igreja que era denominado Vanguarda.

Jacobsen — Já recebemos pedidos de fora sobre o programa de acampamento para moças, lições para jovens casais e sobre nosso programa de música.

Os executivos da AMM das Moças pertencem ao Conselho Nacional de Mulheres Norte-Americanas e recentemente nos reunimos com líderes civis, religiosos e educadores num seminário nacional. É interessante notar que ao encerramento da conferência, de três dias de duração, decidiu-se que a novidade mais proveitosa que havia surgido era o programa da noite familiar da Igreja, que nós, como membros da AMM, apresentamos como parte de nosso modo de vida. Além disso, quando fui ao Irã, no ano passado, para uma conferência do Conselho Internacional de Mulheres, respondi a muitas perguntas concernentes a nossas conferências dos jovens.

P — *Qual o futuro da AMM?*

Jacobsen — Mais extraordinário que nunca. Esperamos atribuir à juventude cada vez maiores encargos. No passado, nós demos aos líderes adultos demasiada responsabilidade pelo programa e não ficavam reservadas aos jovens suficientes atribuições. Os jovens são bem capazes de promover, com pouca supervisão adulta, o programa que atende às suas necessidades. Anteriormente, nós também tendíamos a concentrar-nos mais no grupo. Agora estamos reconhecendo a necessidade de nos concentrarmos no indivíduo. Procuramos tornar possível que tanto os jovens particularmente talentosos como os de habilidades comuns recebam incentivo e desenvolvimento sob o programa da AMM. No próximo ano promoveremos uma exibição artística em que a juventude poderá exibir seus talentos — seja colecionar selos, insetos, escultura, pintura, cerâmica ou costura.

Smith — Eu sei que há uma necessidade cada vez maior da AMM no mundo e estou seguro de que seu programa será promovido e desenvolvido como nunca.

Para a Juventude da Igreja

“Quando Joseph Smith compareceu a seu encontro com Moroni no Monte Cumorah, fê-lo com a permissão do pai. Apesar de um mensageiro divino ter-lhe dito para ir, êle pediu primeiramente permissão a seu pai e depois foi. Se há qualquer mensagem que eu deseje transmitir-lhes é esta, de que não haverão de errar seguindo o exemplo de Joseph Smith. Honrem e obedçam a seus pais, assim como êle”.

Élder S. Dilworth Young

“O evangelho é o único plano verdadeiro de paz que conheço. É o único esquema que nos une como irmãos em Cristo. É o único plano que não inclui egoísmo e dominação, mas é fundado sobre o amor, a legítima preocupação com os demais e o altruísmo.

“Algum dia cada um de vocês será também pai. E terá a responsabilidade de criar filhos. Procurem ser agora o tipo de filho que desejariam ter”.

Élder Debert L. Stapley

CINCO CONSELHOS DA VIDA

1. Quando vir o pecado, afaste-se.
2. Quando tiver um dever, cumpra-o.
3. Quando usufruir liberdade, proteja-a.
4. Quando conhecer a verdade, viva-a.
5. Quando tiver um testemunho, partilhe-o

Êsses caminhos conduzem não só à felicidade terrena, mas ao gozo eterno no reino de nosso Pai.

Élder Thomas S. Monson
do Conselho dos Doze



Mamãe Também Gosta de Barro

Janis P. Hutchinson

A porta dos fundos se abriu de mansinho. Depois uma vizinha perguntou: “Mamãe, a senhora promete que não fica brava?” Eu suspirei comigo mesma. “O que será desta vez? Vamos ver se é possível”, repliquei.

A cabecinha de Bobby assomou pela fresta apreensivamente. “Vamos, deixe-me ver o resto”, suspirei.

Enquanto êle ia-se mostrando aos poucos pela porta eu gemi interiormente. Bobby estava (como sempre) *coberto* de barro. Pensei no meu lindo banheiro limpinho e na inevitável tarefa de limpar tudo depois da passagem dêle. Mas dei um jeito de dizer “U-la-lá. Parece que está mesmo bom o brinquedo hein?”

A expressão de Bobby mudou. “Não está brava, então?”

“Não. Só não se esqueça de limpar a pia depois de se lavar”. Sorri tranqüilamente, depois suspirei outra vez. Ouvi a pia encher-se totalmente e visualizei as pegadas de barro, os pingos sujos que escorreriam de suas mãos até os cotovelos e cairiam no chão (em cima do quais êle pisaria, é claro), a toalha suja...

Bobby reapareceu na porta. “Ei, mãe, venha aqui fora ver o que nós estamos fazendo”.

E lá fomos nós para o quintal, onde sua irmã Patty estava brincando. Observando a enorme montanha de barro, com estradas bem delineadas, túneis secretos e um enorme lago no meio — repleto de lama — eu disse “Puxa, está mesmo formidável!”

Bobby mergulhou no barro outra vez e perguntou: “A senhora quer brincar de carrinho conosco? Veja como êles atravessam bem os túneis”.

Patty, com um arzinho enfadado virou-se para o irmão e disse: “Ora essa, Bobby, será que você não sabe nada mesmo? As mães não brincam na terra. Elas não gostam!”

“Bom”, disse eu sorrindo, “as mães em geral não brincam na terra, mais ainda me lembro que a lama é muito gostosa”. Êles me olharam como se não ouvessem entendido direito. “É verdade”, continuei, “uma vez eu peguei um enorme balde e o enchi com o barro melhor e mais pegajoso que vocês já viram. Depois tirei os sapatos e meias, enrolei as calças e entrei dentro. Ainde me lembro como era gostosa aquela lama entrando pelos dedos do meu pé. Depor enfiei as mãos e os braços também”.

“Quer dizer que a senhora *gosta* de barro? Puxa!” Patty olhou para Bobby com um ar de quem acha que afinal de contas as mães não são assim tão más.

Mais tarde, numa hora em que o garôto mais velho, Gordon, acusou-me de não entender o que êle sentia sôbre alguma coisa, Patty interrompeu com um “Claro que ela entende. Lembra-se, ela gosta de barro!”

Curiosamente, êste foi o princípio de uma real comunicação e compreensão entre nós.

Encontrei outras ocasiões para ganhar a confiança das crianças, fazendo-as saber que compreendia exatamente como se sentiam.

“Mamãe, não consigo engolir êstes aspargos... não descem. São horrorosos!” E conclui: “Não dá mesmo! Nunca vou suportar isto!”

Eu tive vontade de dizer: “Faz bem para a saúde — cheios de vitaminas. Você está sendo bôbo e é imaginação sua que não gosta!” Mas, ao invés disso, dei um jeitinho de mostrar um ar penalizado. “É verdade, eu também me lembro que achava que a *minha* mãe era o maior monstro do mundo por fazer-me comer aspargos. E empurrava sempre todos os pedacinhos de cebola para fora do prato que ela preparava, exatamente como vocês fazem. Eu sei que crianças não gostam de certas comidas, mas quando crescerem vocês vão gostar”.

Na refeição seguinte, tive de sorrir enquanto Patty, estremeando, pôs uma garfada de carne (com cebola) na bôca.

“Uf...mas vou gostar quando crescer”.

E que tem tudo isto que ver com comunicação? A principal queixa das crianças mais velhas, quando não recorrem a seus pais é: “Êles não me entendem. Não sabem o que sinto. Nada que eu diga ou faça é importante”.

A boa comunicação é o grande fator para se criar relações familiares felizes. Eu quero ajudar meus filhos e dar-lhes a liberdade de falar comigo. Mas em certas ocasiões posso ser culpada de ter dado a impressão de estar por demais ocupada para ser amolestada em ouvi-los. Tenho o mais profundo amor por meus filhos e estou certa de que os outros pais também. Daria minha vida por êles. Mas sensatamente resolvi que, em vez de minha vida, era melhor dar 15 minutos regularmente.

Bobby estava entusiasmado com sua festinha de aniversário. Havia aberto todos os presentes, à exceção de um. Era um envelope que sabia vir de mim. Quando o abriu estava escrito: “Queridinho: A partir de amanhã, meu presente para você são 15 minutos todos os dias. Êsse tempo será só seu. Eu farei o que você quiser... mesmo brincar de carrinho no chão. Todo o meu amor, mamãe”.

“É verdade mesmo?” exclamou animadamente. Mas depois, um pouco apreensivo: “E se alguém chamar e pedir que a senhora faça alguma coisa?”

“Ai”, eu respondi, “essa pessoa terá simplesmente que esperar. Nada vai interferir com seus quinze minutos”.

Uma outra vez, Bobby não estava-se sentindo bem e ficou deitado no sofá.

“Mamãe!” chamou êle.

“O que você quer agora? Quer alguma coisa?”

“Não... Mamãe?”

“Para que você quer que eu vá aí, menino?”

“Só quero a senhora”, respondeu Bobby.

A esta altura eu derreti um pouco e disse: “Quer ficar no colo um pouquinho?”

Fazendo que sim êle aconchegou-se em meu colo. Depois de ficar uns cinco minutos só sentada ali, comecei a pensar no bôlo que queria pôr no fôrno, no chão que precisava encerer antes que as outras crianças irrompessem em casa vindas da escola.

“Eu gosto muito de você, Bobby”, disse, envolvendo-o num abraço.

“Eu também, mamãe”.

Dez minutos se passaram.

“Mamãe”, começou êle a falar muito sério. “Eu gosto de você do tamanho...do tamanho...” — suas sombrancelhas se juntaram — “...do tamanho de tôdas as montanhas do mundo inteiro juntas”.

Eu sorri comigo mesma: “Quem se importa com assoalhos?”

Por vêzes julgo que passo muito tempo com meus filhos porque os tenho ao meu redor o dia todo. Mas êste tipo de tempo não é o certo. Emocionalmente, as crianças não necessitam de mim para passar suas roupas; elas precisam de mim para passar com elas aquêle tempo especial que demonstra que eu as amo, não a suas roupas.

Patty, com seus oito anos, disse certa vez: “Sabe mamãe, acho que sentiria saudades suas se morresse. Sabe por que?”

“Por que?” perguntei surpresa.

“Bom, eu teria saudades de minha cama quentinha e da senhora para aconchegar”.

Eu notei que ela não disse: “Teria saudades de tôdas as formas com que a senhora mostra amor por mim, pregando botões, lavando minhas roupas, limpando meu quarto”. Mas ela sentiria falta daquele tempo especial de direta proximidade física — não das ocasiões em que eu a corrigia ou ensinava, mas do tempo em que sentia que era amada.

Preparando a aula da noite familiar sôbre o arrependimento, passei por uma explicação que dizia que os pais deviam fazer seus filhos sentirem que sempre que tivessem problemas deveriam ter a liberdade de pedir-lhes ajuda. Com todo o lufa-lufa do dia, onde estava a oportunidade para que eu aplicasse isto? Tomando três prendedores de roupas, escrevi em cada um o nome de uma criança.

“Agora”, expliquei, “sempre que vocês tiverem um problema — ou talvez não seja um problema, mas apenas alguma coisa que queiram conversar comigo — peguem seu prendedor da floreira em cima do piano e prendam-no em silêncio no trinco da geladeira. Quando eu o vir, não comentarei nada com ninguém, mas à noite, depois que todos estiverem na cama, aquela pessoa e eu vamos conversar, sem nenhuma interferência dos outros, sôbre seu problema”.

Isto funcionou maravilhosamente, em especial quando percebi que a hora de dormir parecia ser uma ocasião diferente. Era a hora em que a insolência e a simulação se dissolviam e os verdadeiros sentimentos da criança vinham à tona.

Uma vez Patty encostou-se a mim, ao sair para a escola, e cochichou: “Olhe no refrigerador!” Depois saiu dando uma risadinha.

(Conclui na página 34)



O Papagaio Imperial

Evelyn Witter

Com pensamentos perturbadores a corroê-lo, Li Ye apertou o passo pela estreita rua até chegar à sua casa de bambú com teto de tenhas azuis. Estava satisfeito por ter hoje escapado à ruidosa praça do mercado, repleta de pessoas vivazes, alegres e palradoras, cheia de diversões e riso. Sua grande preocupação tirava-lhe o cântico do coração e a alegria dos lábios.

Parando no meio da sala, Li Ye procurou sua irmã, Ting Ling. Apesar de ser ainda menina, ela o ajudaria a compreender por que os papagaios não agradavam mais Sua Majestade Imperial.

“Ting Ling!” chamou.

“Já vou, querido irmão”, ouviu-a dizer do quintal.

Ela entrou sorrindo. “Mas...” examinou-lhe o rosto ansiosamente, “você está muito perturbado, irmão”. “Sente-se. Vamos conversar”, disse ela calmamente.

“Por que Sua Majestade Imperial não se agrada mais de meus papagaios?”

“Ele não se agrada?”

“Acho que não. Eu estava entregando o nôvo papagaio no palácio esta tarde quando ouvi um anúncio espantoso. Sua Imperial Majestade disse que apesar de divertir-se com seus papagaios estava ficando cansado dêles, porque eram sempre iguais. Portanto, enviou um decreto por tôda a China de que desejava um nôvo papagaio. Um que fôsse diferente de todos os outros. A pessoa que fizer o mais lindo papagaio terá daqui por diante o título de Real Provedor de Papagaios e será premiada com uma sacola de dinheiro. Que acha disto, irmãzinha?”

“Eu acho, Li Ye, que chegou a hora de você provar sua capacidade”, disse ela suavemente.

“Meus papagaios não foram sempre os que subiram mais alto? perguntou êle.

“Talvez as côres não sejam bem alegres; talvez

seus papagaios sejam pequenos demais, ou muito grandes...” Ting Ling especulava.

“Ai de mim”, Li Ye suspirou fundo. “Em breve saberemos. O decreto imperial será ouvido alto e muito longe. Todo o artesão de papagaios do reino virá ao palácio, trazendo sua melhor obra”.

Mais tarde, no quintal, Li Ye apoiou-se ao pessegueiro e seus pensamentos se absorveram na arte de fazer papagaios.

Ocorreu-lhe a idéia de que uma forma de fazer um papagaio diferente de todos os outros era executá-lo em material diferente. Nas muitas vêzes em que havia perscrutado os céus em sua vida, nunca havia visto um só papagaio feito de outra coisa que não de papel... colorido, simples, pintado, mas em geral era o material que todos os artesãos de papagaios haviam usado até ali. Êle usaria algo diferente. Algo que representasse a elegância da China. Êle usaria sêda!

A caminho do mercado, Li Ye decidiu ir à loja do velho sr. Chang.

Li Ye curvou-se em cumprimento e explicou que interessava-se por um grande corte de sêda dourada. O sr. Chang estava sempre bem disposto para uma demorada pechincha. Apesar disso, Li Ye ficou verdadeiramente espantado com o preço que êle pediu. Li não possuía senão umas poucas moedas que não davam nem para metade do preço pedido pela sêda.

“Êsse pedaço de sêda é para um papagaio?” perguntou o sr. Chang.

“Sim”.

“É uma fazenda bem melhor que a que meu honorável filho escolheu para o papagaio dêi. Esta sêda dourada captará o sol e chamejará nos céus”.

Li Ye deu-lhe as costas, depois de inclina-se muito

ligeiramente e correu pela estreita rua até chegar à casa de bambú com teto de telhas azuis.

Ting Ling estava no quintal conchendo flôres para a mesa que ficava no centro da sala. Êle estendeu-se no chão ao lado dela e contou detalhadamente o que acontecera.

Os olhos de Ting Ling ficaram úmidos de lágrimas. “Que mais será possível usar, então?” perguntou ela.

“Não há nada de nôvo para os olhos ou para o tato que todos os outros artesãos de papagaios da China já não terão imaginado”, Li Ye admitiu.

“Deve haver outros sentidos que possam ser agrados por um papagaio”, disse Ting Ling docemente. Ela levantou-se e entrou em casa.

Li Ye ficou sentado em silêncio. A paz do quintal sempre o havia auxiliado a pensar. Era uma paz quebrada apenas pelas vozes sonoras dos pássaros, pássaros que voavam emitindo sons maviosos.

Pássaros que voavam emitindo sons maviosos! “Ting Ling! Ting Ling!” chamou. Ela correu para êle.

“Meu papagaio será diferente de todos os outros. Um faisão dourado e sonoro!” disse êle sorrindo.

“Amanhã é o último dia da competição, Li Ye. Você deve apressar-se”.

Na sala, sob a luz de uma única lamparina, Li Ye trabalhara ativamente pela noite a dentro. Ting Ling passava-lhe materiais e punha o dedo onde Li Ye lhe pedia. Vagarosamente a forma de um faisão começou a surgir das varetas leves de madeira e dos cordões. Depois, êle grudou papel colorido cobrindo tudo. Finalmente, amarrou à cabeça do faisão a flauta de bambu de Ting Ling.

“Está pronto!” exclamou Li Ye quando raiava a manhã.

“Será que vai dar certo? Li Ye?” perguntou Ting Ling.

“Vai dar certo”, êle assegurou.

“Por favor”, pediu ela, “talvez seja melhor desistir da competição. Se o faisão não cantar, o papagaio em si, sem a flauta, será considerado muito comum. Tôda a sua carreira de artesão poderá estar perdida”.

Li Ye mordeu os lábios. “Não, Ting Ling. Ê como você disse no comêço. Agora é a hora de provar meu valor. Eu talvez nunca tenha outra oportunidade de tornar-me Provedor Real de Papagaios, com uma sacola de dinheiro e residência no palácio”.

No quintal Li Ye testou o vento. Prestou atenção especial ao catavento no muro do jardim, ao movimento das fôlhas, ao flutuar das poucas nuvens fofas no céu.

“Como está o vento?” perguntou Ting Ling num sussurro baixo.

“Incerto. Sopra levemente do sui”.

“Não é bom?”

“Não é mau, irmãzinha, mas não é fácil de aproveitar”.

Li Ye caminhou a passos largos pela ruazinha estreita, segurando seu papagaio bem acima da cabeça. Ting Ling seguiu a uma respeitosa distância atrás de seu irmão.

Na praça do mercado, Li Ye ouvia as observações: “Muito comum o papagaio”... “Li Ye fracassará hoje com esse papagaio”. Mas prosseguiu avançando.

Finalmente, entraram no Campo Imperial. A multidão era a maior que êle jamais tinha visto.

“Grandes personagens acorreram de tôda a extensão de nossa terra... Chegaram em caravanas, por barcos, carroças”, Ting Ling sussurrou em seu ouvido.

Li Ye marchou direto, com a cabeça erguida, o papagaio levantado arrogantemente sôbre ela, para o campo de vôo.

Os guardas indicaram onde êle deveria colocar-se e disseram-lhe que dariam o sinal quando fôsse hora de fazer voar o papagaio.

Havia tempo para correr os olhos pelo céu. Êle viu o papagaio-serpente de longa cauda que fôra feito de forma a aparentar que expelia fumaça pelas narinas. Havia um papagaio côr-de-rosa em forma de coelho dextramente manejado por seu artesão que fazia-o saltar à maneira daqueles bichinhos.

Os dedos de Li Ye tremeram. Ting Ling estava puxando sua manga. “Li Ye! Você é o próximo!”

Testando, êle deixou o papagaio-faisão tomar vento. O papagaio volteou vacilante a princípio, curvou-se, subiu! E planou serenamente, mas nenhum som saiu da flauta.

A multidão não observava com muita atenção. Se êle conseguisse fazer a brisa do sul passar pela fiauta, aí todos olhariam! Correndo, soltando a corda, dando puxões, Li Ye colocou o papagaio na altura desejada.

De repente, alto nos céus soou a música como a de uma espineta.

“Que é isso?” perguntou a Imperial Majestade. “De onde veio esta bela música?”

Li Ye segurava o papagaio com firmeza, ajustando-o à brisa sul. A música ficou mais forte e mais

“Ê do papagaio de Li Ye! A música vem do papagaio de Li Ye” ouviram-se os gritos de tôdas as partes.

O papagaio continuava tocando. Todos os artesãos amontoaram-se ao redor de Li, crivando-o de perguntas. Finalmente, o próprio fio foi arrebatado e o papagaio-faisão sonoro subiu para bem alto nos céus e afinal sumiu de vista.

Ao desaparecer o papagaio, era evidente para todos o desapontamento de Sua Imperial Majestade. O grande imperador torcia as mãos e lamentava-se.

“Sua Imperial Majestade”, disse Li Ye, curvando-se até o chão. “Não se perturbe. Posso fazer muitos outros como êsse para vos agradar”.

Sua Alteza sentou-se no trono. “Se puder fazer, Li Ye, você será o Provedor Real de Papagaios”, receberá uma sacola de dinheiro e fixará residência aqui no palácio. Os papagaios serão conhecidos por tôda a parte por um nôvo nome. Dêste dia em diante, em sua honra, todos chamarão os papagaios de ‘fung cheng’, que meus conselheiros disseram significar ‘sôpro da espineta’.

“Mil agradecimentos, Sua Majestade”, Li Ye curvava-se. Depois esticou a mão para trás e encontrou a mãozinha de Ting Ling. “Minha irmã, Ting Ling, ajudou-me muito a realizar o trabalho, Imperial Alteza”.

“Ela também deve vir para o palácio”, disse a Imperial Majestade. “Eu o ordeno”.

Li Ye sentiu a mãozinha de Ting Ling apertar a sua. Êle sorriu abertamente. Uma olhadela rápida para o lado provou que sua irmãzinha estava sorrindo também.

Prolongue os Bons Momentos

Alexander Schreiner

Hino para a Escola Dominical Sênior para o Mês de Novembro

Hino: "Prolongue os Bons Momentos"; autor e compositor, Robert Bell Baird; *Hinos — Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, n.º 55.

Na última "A Liahona" descrevemos outra das composições do irmão Baird, Ao Raiar do Nôvo Dia. Mencionamos que êle nasceu em Glasgow, na Escócia, e que emigrou para a América em 1863.

O texto de "Prolongue os Bons Momentos" fornece-nos algumas sugestões práticas para vivermos uma vida bem sucedida. O tempo se escoia, exatamente na mesma medida para ricos e pobres, para jovens e velhos; e em qualquer ocasião determinada, temos apenas o dia presente para trabalhar.

Transformemos o período de ensaio de hinos da Escola Dominical numa experiência de adoração.

Evitemos tôda a leviandade e tôda a tentativa de divertir a congregação. Esta não é uma ocasião para se "cantar com os amigos". É hora de cantar na presença do Senhor.

O Apóstolo Paulo recomendou êste procedimento aos santos colossenses quando lhes escreveu: "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em tôda a sabedoria, ensinando-vos, admoestando-vos uns aos

outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; *cantando ao Senhor com graça em vosso coração*". (Colossenses 3:16).

Os profetas antigos, especialmente o Salmista, admoestaram os fiéis a elevarem seus cânticos ao Senhor. É bom sermos lembrados disto ocasionalmente, para que nosso canto não se deteriore num tipo de interpretação dedicado mais ao divertimento que à adoração.

Portanto, evitemos humorismo ao dirigir a congregação. Pelo contrário, recomendamos o hino ressaltando sua mensagem espiritual e encorajando a percepção de sua nobreza, majestade e significação elevada, sua grandeza e seu amor. Assim, nossas almas se dilatarão, nossos espíritos serão despertados e nossas vidas sintonizadas com esta "obra maravilhosa e um assombro" do Senhor.

Como procederemos quando nosso hino de ensaio fôr muito conhecido? Sugerimos o aprendizado de pelo menos um verso de côr por semana — com o emprêgo do método da repetição, cantando ambos, hino e melodia juntamente, uma frase por vez.

Sucesso para você em seu esforço de reger a congregação em cântico reverente.

Escola Dominical Sênior

Escola Dominical Júnior

Jóias Sacramentais de Novembro

"E, depois de terem êles comido, ordenou-lhes que partissem o pão e o dessem ao povo".

(3 Nefí, 20:4)

Disse Jesus, ... "Orai, para que não entreis em tentação".

(Lucas 22:40)

Acompanhamento ao Orgão para as Jóias Sacramentais de Novembro

Darwin K. Wolford

NOTA: O hino de ensaio para a Escola Dominical Júnior, de novembro é "Juventude da Promessa", Hino n.º 50.

Nova Liderança na Missão Brasileira do Sul



Presidente C. Elmo Turner e esposa.



O novo Presidente Thomas F. Jensen e família.

Tendo passado a presidência da Missão Brasileira do Sul ao presidente Thomas F. Jensen, seu sucessor, o presidente C. Elmo Turner embarcou com destino aos Estados Unidos em companhia de sua família. O estimado presidente deixou atrás de si um revelante testemunho da sua capacidade de liderança e realização, da sua fé no Evangelho de Jesus Cristo e da aceitação do seu Trabalho pelo Senhor; deixou também sua gratidão e respeito pelo amor que recebeu dos irmãos brasileiros que, com seus talentos e seu trabalho o auxiliaram a desenvolver a obra de Deus entre nós.

Embora estivesse previsto um programa de recepção festiva ao Pres. Jensen, nessa ocasião em que retornava ao Brasil, pois, aqui esteve nós como missionário em sua ju-

ventude; a alegria e o entusiasmo com que foi recebido no seu desembarque antecipado e inesperado de modo algum deixaram de expressar ao recém-chegado e à sua família o amor que os santos brasileiros sempre reservam aos seus líderes.

Nos três anos em que o Pres. Turner esteve à frente da Missão Brasileira do Sul, o progresso da Missão foi espantoso. Tendo encontrado seis capelas utilizadas por mais de sete mil membros, ao sair deixou 16 capelas e quase doze mil membros, dentre os quais mais de um milhar de portadores do Sacerdócio, ou seja, o dôbro dos que existiam ao chegar, distribuídos por 41 ramos de 11 distritos. Durante a sua presidência, a liderança local assumiu posição de destaque: de dentre os onze distritos da

missão são presididos agora por membros residentes no Brasil, 36 dos 41 ramos tem como presidentes membros locais, o que significa um amadurecimento dos frutos do evangelho entre nós. Sessenta missionários construtores foram chamados nesse período, numa veemente demonstração de fé no Senhor e na sua obra.

Esses frutos devem justificar o regozijo do Pres. C. Elmo Turner pela obra que lhe foi confiada pelo Senhor a ser desenvolvida entre nós, e por ter sido desde jovem abençoado em poder dedicar-se a ela. Dessa bênção já o primeiro número de A Liahona, que circulou em janeiro de 1948, trazia notícia. À página três desse número havia um artigo do então missionário C. Elmo Turner intitulado "Resumo de uma Vida Pura", no qual ele se afirmava aben-

çoado em poder contar com a liderança de um grande e inspirado homem de Deus, o Pres. George Albert Smith; o mesmo podem dizer todos aqueles que tiveram o benefício da sua inspirada liderança.

Ao instalar-se em Curitiba com sua esposa e seus quatro filhos, o Pres. Jensen já vem preparado para ceifar com força a seara. Talento homem de negócios, líder inspirado, que como bispo hospedou os bispos brasileiros em visita ao Lago Salgado e fiel servo do Senhor, a designação do Pres. Jensen para servir no Brasil é uma alvissareira notícia. Assumindo a direção dos negócios do Senhor entre nós, o Senhor o abençoará e inspirará para que saiba imprimir-lhe o sentido que conduzirá ao reino dos céus.

De Todo o...

(Conclusão da página 30)

O que você pensa quando não tem nada em que pensar mostra o que você realmente é.

5. Faça o melhor agora, e fará melhor depois.

6. Seja digno dos que confiam em você.

7. Amigos verdadeiros enriquecem a vida. Se deseja ter amigos, seja um deles.

Mamãe Também...

(Conclusão da página 4)

Naquela noite Patty contou-me seu problema. Conversamos longo tempo e arranjamos uma solução.

Ao dizer-me boa noite, Patty hesitou um momento. "Sabe de uma coisa? Com aquele prendedor as coisas ficam muito mais fáceis". Depois, feliz mergulhou entre os lençóis, dizendo: "A senhora é um amor, mamãe!"

É óbvio que criar filhos exige uma paciência extraordinária. As crianças reagem com maus modos e

8. Ore pedindo sabedoria, coragem e um coração bondoso.

9. Atente para as mensagens de Deus através da inspiração. Se a auto-satisfação, ciúme, avareza ou preocupação tiverem amortecido sua sensibilidade, ore a Deus para afastar esses impecilhos.

10. A fé é o alicerce de todas as coisas — inclusive da felicidade.

nós, pais, tendemos a fazer o mesmo. As irritações do dia podem fazer nosso mau humor crescer agudamente.

Todo o sucesso que tenho alcançado nas relações com meus filhos baseia-se, estou certa, em eu ter conseguido fazê-los entender que sei bem como se sentem; em dar-lhes suficiente tempo e atenção para assegurar-lhes que suas esperanças, sonhos e problemas pessoais são extremamente importantes para mim; e em assegurar-lhes ampla oportunidade de se expressar. Esta prática tem funcionado bem para nós e, por esta razão, passo-a adiante para ser examinada por outros pais.

A ÚLTIMA PALAVRA

Uma moedinha ocultará até mesmo a maior estrêla dos céus, se você a aproximar demais dos olhos.

Dedique um pouco do seu tempo ao próximo, mesmo que seja nas pequenas coisas, faça algo pelos necessitados, alguma coisa pela qual você não terá nenhum pagamento senão o privilégio de fazê-lo.

Albert Schweitzer

A segunda parte da vida de um sábio é empregada em curar as tolices, preconceitos e opiniões falsas que contraiu na primeira parte.

Jonathan Swift

Hoje em dia, o mundo está se movendo tão depressa que o homem que diz que algo não pode ser feito é geralmente interrompido por alguém fazendo-o.

Elbert Hubbard

Desprovido de erudição original, desacostumado aos hábitos de pensar, sem talentos na arte de compor, assim mesmo resolvi... escrever um livro.

Edward Gibbon

(e que livro: "Ascensão, Declínio e Queda do Império Romano")

Fale a alguém sobre ele mesmo e terá ouvinte por horas seguidas.

Benjamin Disraeli

Ter apenas a mente aberta não significa nada. O negócio é, assim como ao abrir a boca, ao abrir a mente, fechá-la sobre algo sólido.

G. K. Chesterton

A mais negra hora, dura apenas sessenta minutos.

O público tem uma insaciável curiosidade, quer saber tudo, exceto o que vale a pena saber.

Oscar Wilde

Quando alguém se desincumbe da sua obrigação, pode-se ouvir a notícia a vários quilômetros.

Mark Twain

IDÉIAS ETERNAS



LEITURA
ESSENCIAL
PARA TODO
SANTO DOS
ÚLTIMOS DIAS



A IGREJA RESTAURADA

Uma interessantíssima introdução histórica ao mormonismo e ao seu povo. Com magníficas ilustrações a 4 cores. Um perfeito presente para amigos e investigadores e magnífico auxílio para missionários.

A PALAVRA DE SABEDORIA E VOCÊ

Dedicado à pureza da juventude, trazendo discussões, destinadas a fortalecer os jovens contra os males da atualidade. Como disse o Apóstolo Petersen, "Não há substituto para os fatos e nenhum inimigo como a ignorância".

JUVENTUDE E A IGREJA

Especialmente destinado aos atuais problemas da juventude, destacando a importância da escolha de um viver reto, de conformidade com as doutrinas do mormonismo. Leitura inspiradora, bem apropriada a um presente.

VOCÊ PODE APRENDER A FALAR

Um importante e valioso instrumento para todo membro da Igreja: como criar e proferir discursos vívidos e eficazes, como expressar-se mais claramente. Os jovens e os adultos beneficiar-se-ão grandemente com esta ajuda.

O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, a quatro cores, este importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui ótima sugestão para um presente.

**LIVROS QUE MERECEM UM LUGAR
PERMANENTE NA SUA BIBLIOTECA
E NO SEU PROGRAMA DE LEITURA**